



| nara roesler |

ARTRIO 2025

pavilhão terra
estande c5

preview

quarta-feira

10 de setembro

13–20h

aberta ao público

10 de set – 14 de set

marina da glória

av. infante dom

henrique, s/n – glória

rio de janeiro

artistas participantes

abraham palatnik
alberto pitta
amelia toledo
andré griffo
angelo venosa
antonio dias
artur lescher
asuka anastacia ogawa
berna reale
brígida baltar
bruno dunley
carlos bunga
carlito carvalhosa
cássio vasconcellos
cristina canale
daniel buren
daniel senise
elian almeida
fabio miguez

heinz mack
jaime lauriano
jr
jose dávila
josé patrício
julio le parc
karin lambrecht
lucia koch
manoela medeiros
marcelo silveira
marco a. castillo
marcos chaves
not vital
paulo bruscky
philippe decrauzat
raul mourão
sérgio sister
vik muniz



asuka
anastacia
ogawa

Asuka Anastacia Ogawa
Inori, 2025
tinta acrílica sobre tela
150 x 216 x 4 cm



Asuka Anastacia Ogawa
Pink, 2025
tinta acrílica sobre tela
96 x 76 x 4 cm

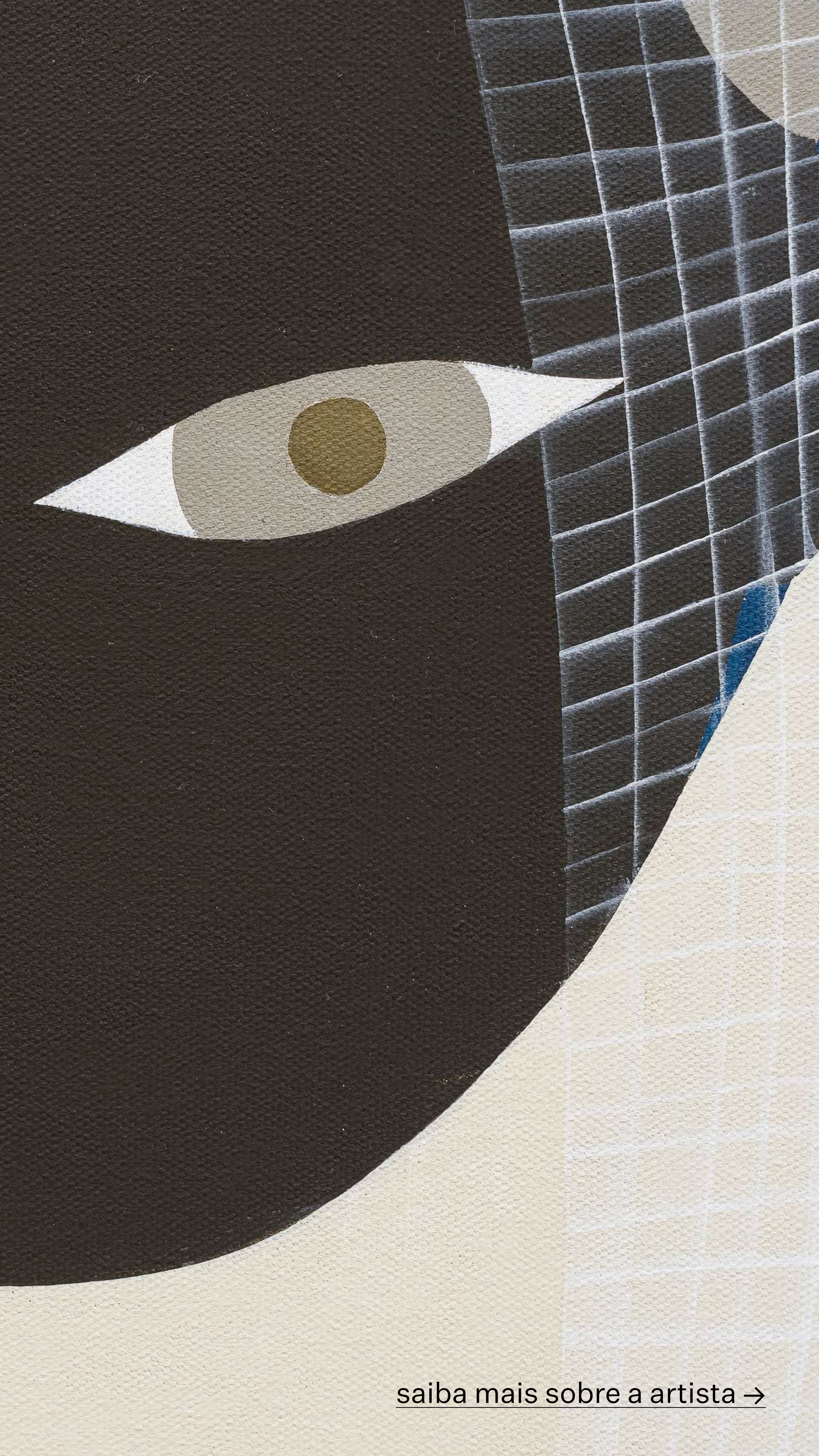






Asuka Anastacia Ogawa
Mingau, 2025
tinta acrílica sobre tela
142 x 111 x 4 cm





[saiba mais sobre a artista →](#)

**karin
lambrecht**

Karin Lambrecht
Sol, Sun, Sonne, 2025
pigmentos em resina acrílica,
carvão e recortes de lona sobre lona
58 x 53,5 x 4 cm



Karin Lambrecht
Sem título, 2025
aquarela sobre papel
37,5 x 26 cm





[saiba mais sobre a artista →](#)



**daniel
senise**

Daniel Senise

Colônia (Bispo do Rosário), 2024

monotipia de parede em tecido

e medium acrílico

150 x 265 x 5,5 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)

Daniel Senise
Sem título, 2025
tinta acrílica e
betume sobre tecido
111 x 108 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)



**not
vital**



Not Vital

Self-portrait in snow storm, 2022

tinta óleo sobre tela

150 x 120 x 3,3 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)



andré
griffo

André Griffo
O massacre dos inocentes, 2023
tinta óleo e folha de ouro
sobre compensado naval
177 x 210 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)



angelo
venosa

Angelo Venosa
Sem título, 2016
metacrilato
edição de 3 + 2 PA
57 x 26 x 33 cm



Angelo Venosa
Sem título, 1994
parafina, pigmento e dentes de boi
unique
23 x 23 x 4 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)



bruno
dunley

Bruno Dunley
Angelo, 2023
tinta óleo sobre tela
170 x 140 cm



Bruno Dunley
Sem Título, 2025
tinta óleo sobre tela
180 x 125 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)

carlito
carvalhosa



Carlito Carvalhosa
Sem título (P71/15), 2015
óleo sobre alumínio
80 x 122 cm

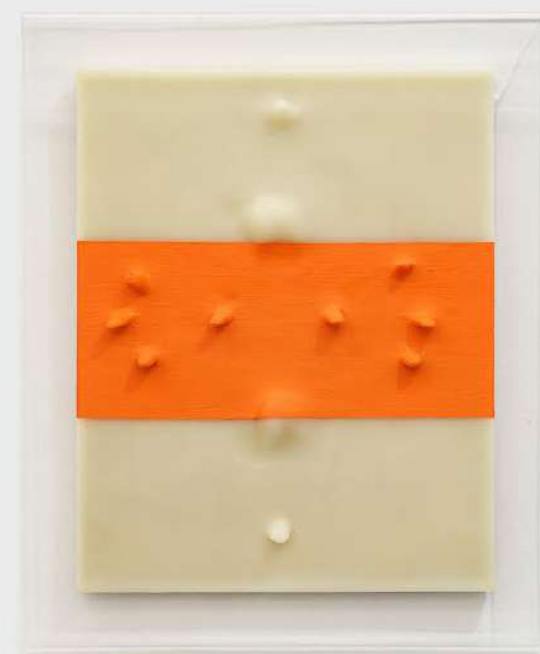
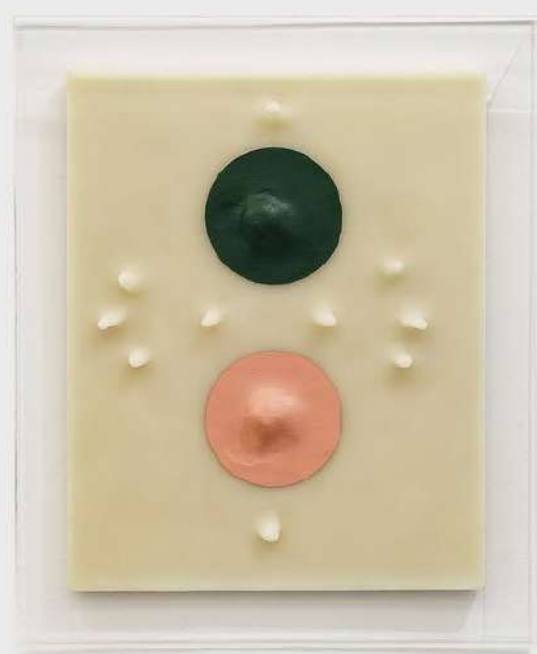
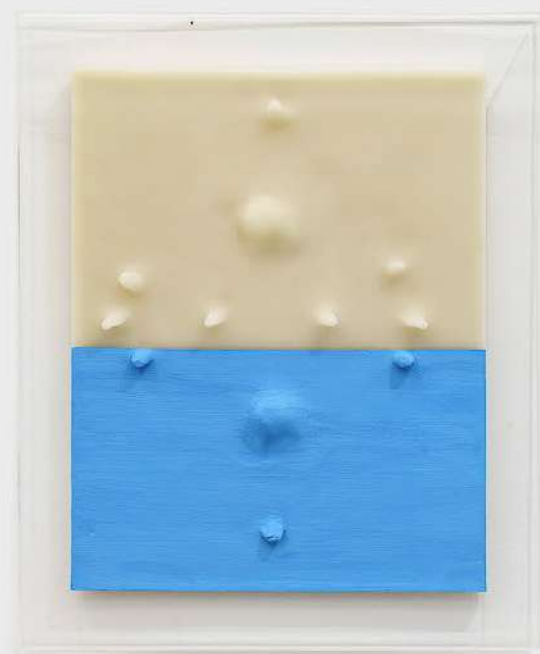


Carlito Carvalhosa

Sem título (P47/20), 2020

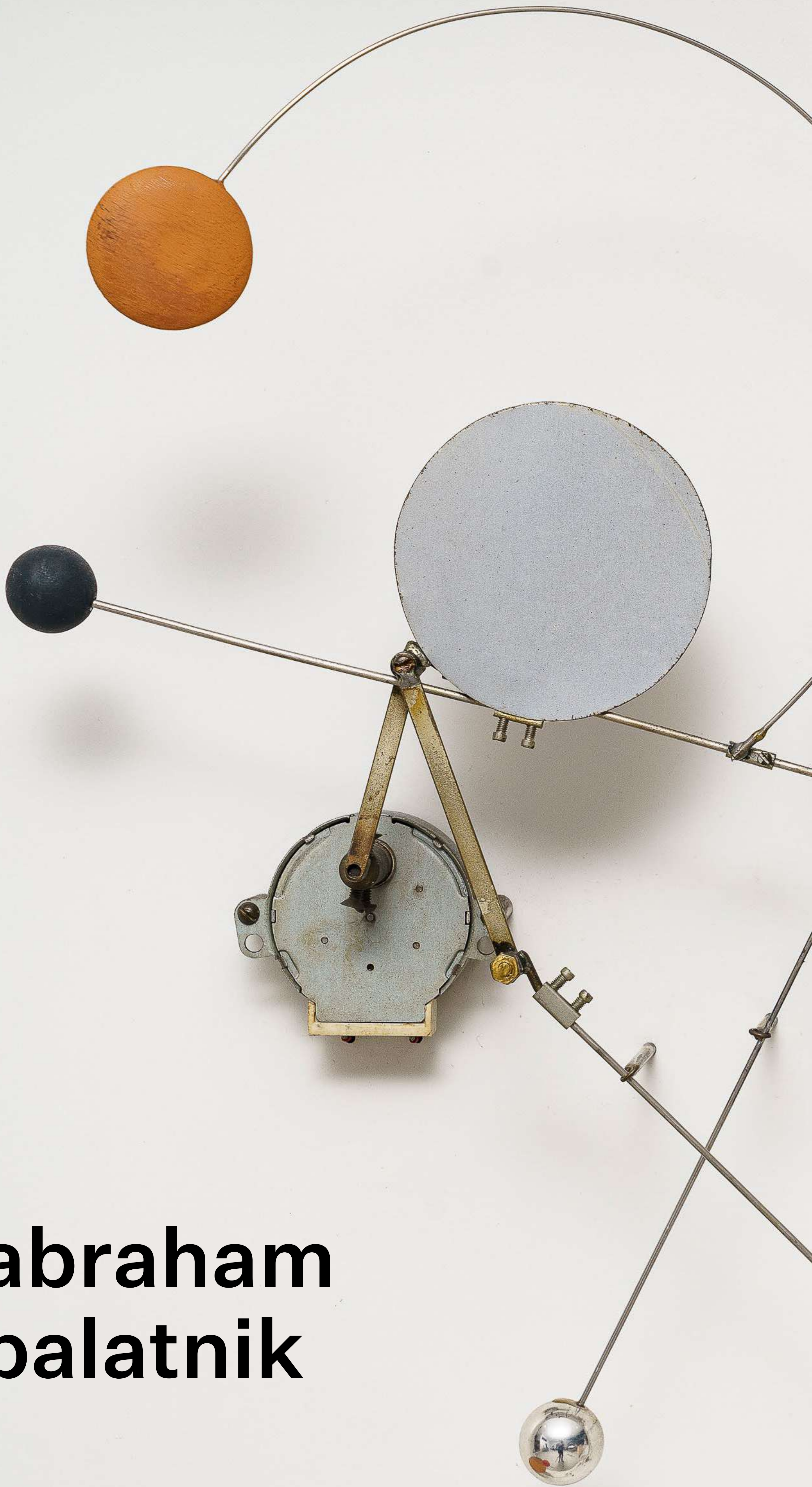
tinta óleo e cera sobre madeira

3 partes de 60,5 x 50,5 x 6,5 cm (cada)





[saiba mais sobre o artista →](#)



**abraham
palatnik**

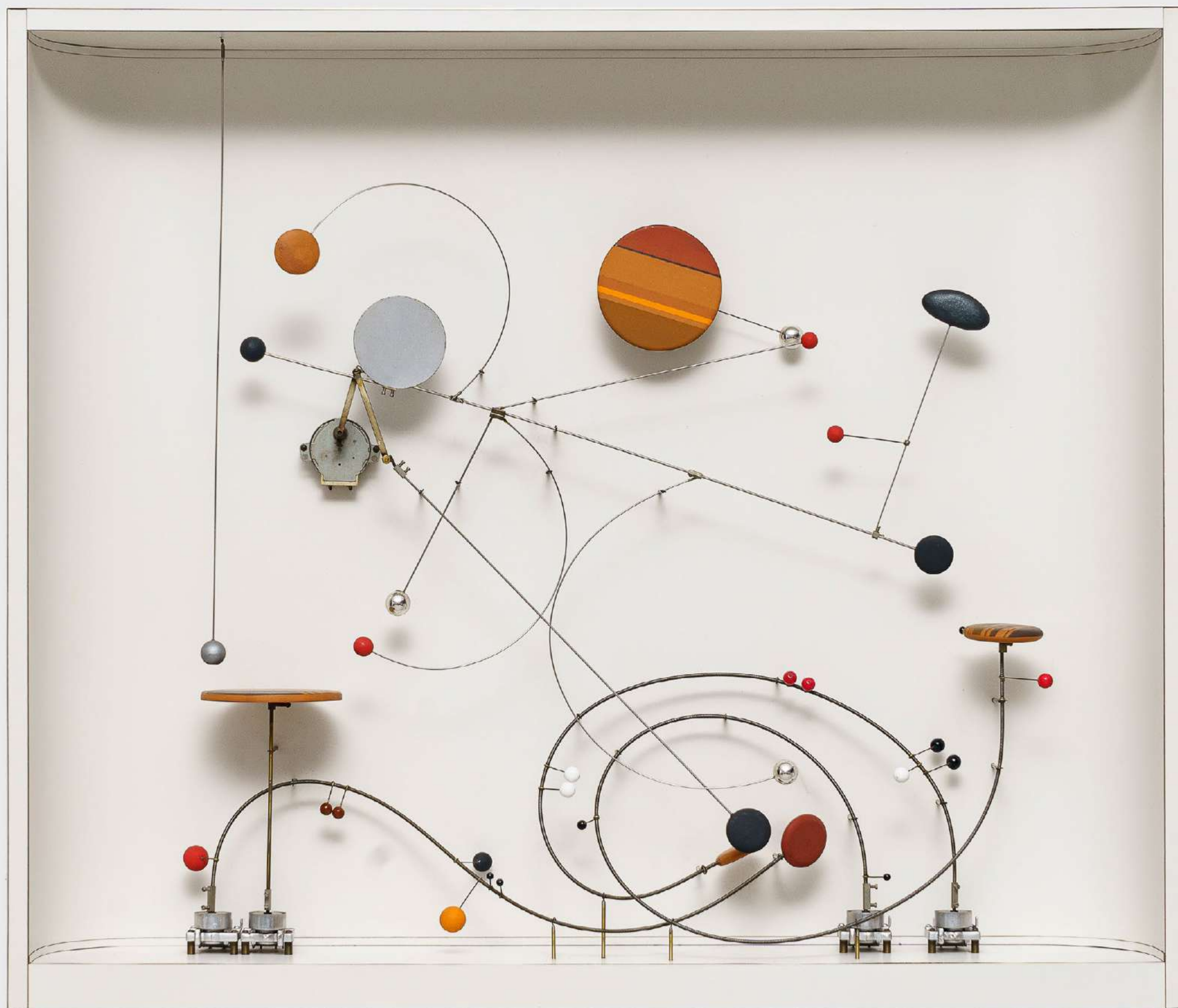
Abraham Palatnik

Objeto Cinético C-15, 1969/2001

motor, tinta, fórmica, madeira, metal e imãs

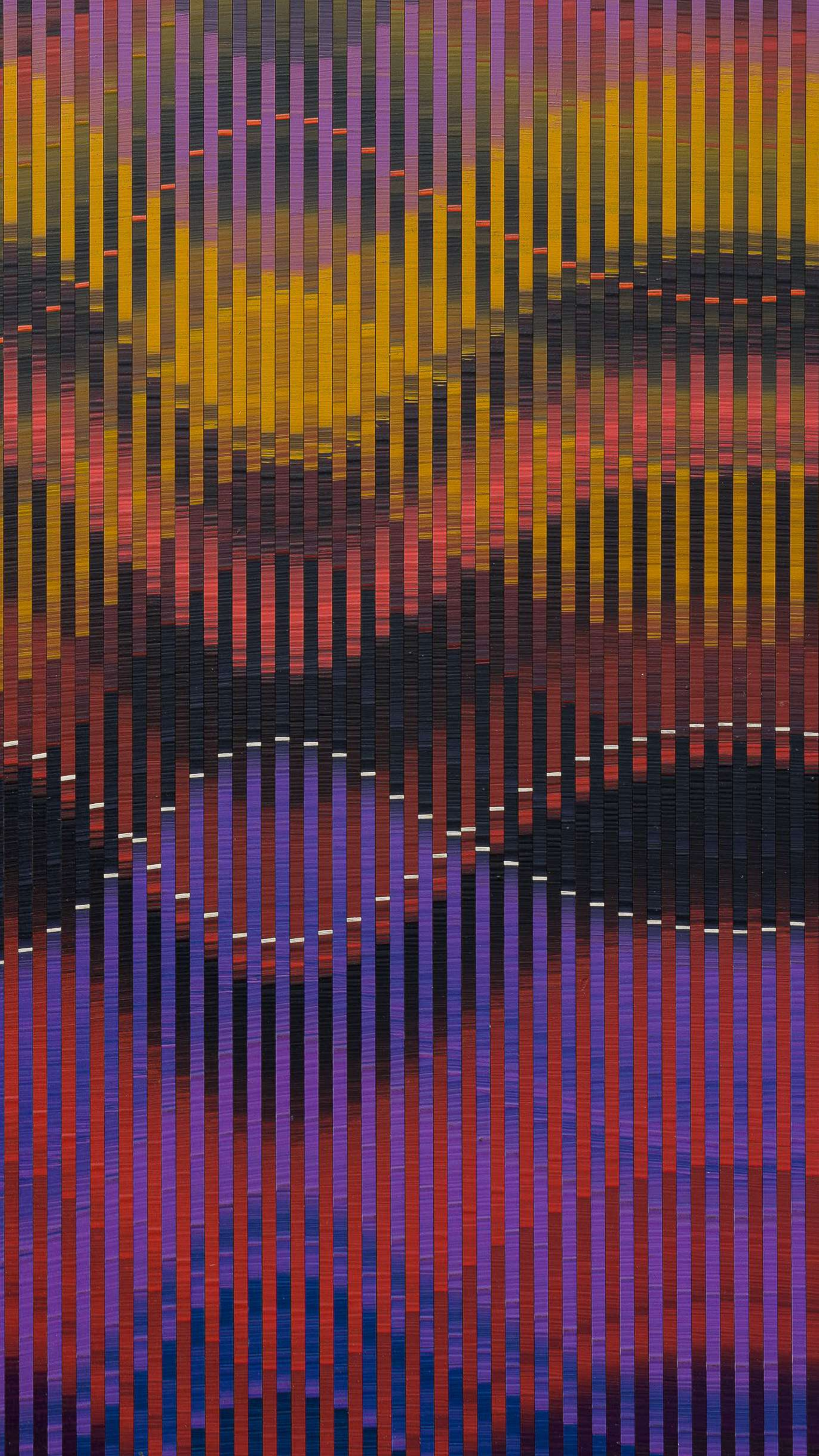
unique

77 x 90,5 x 15 cm



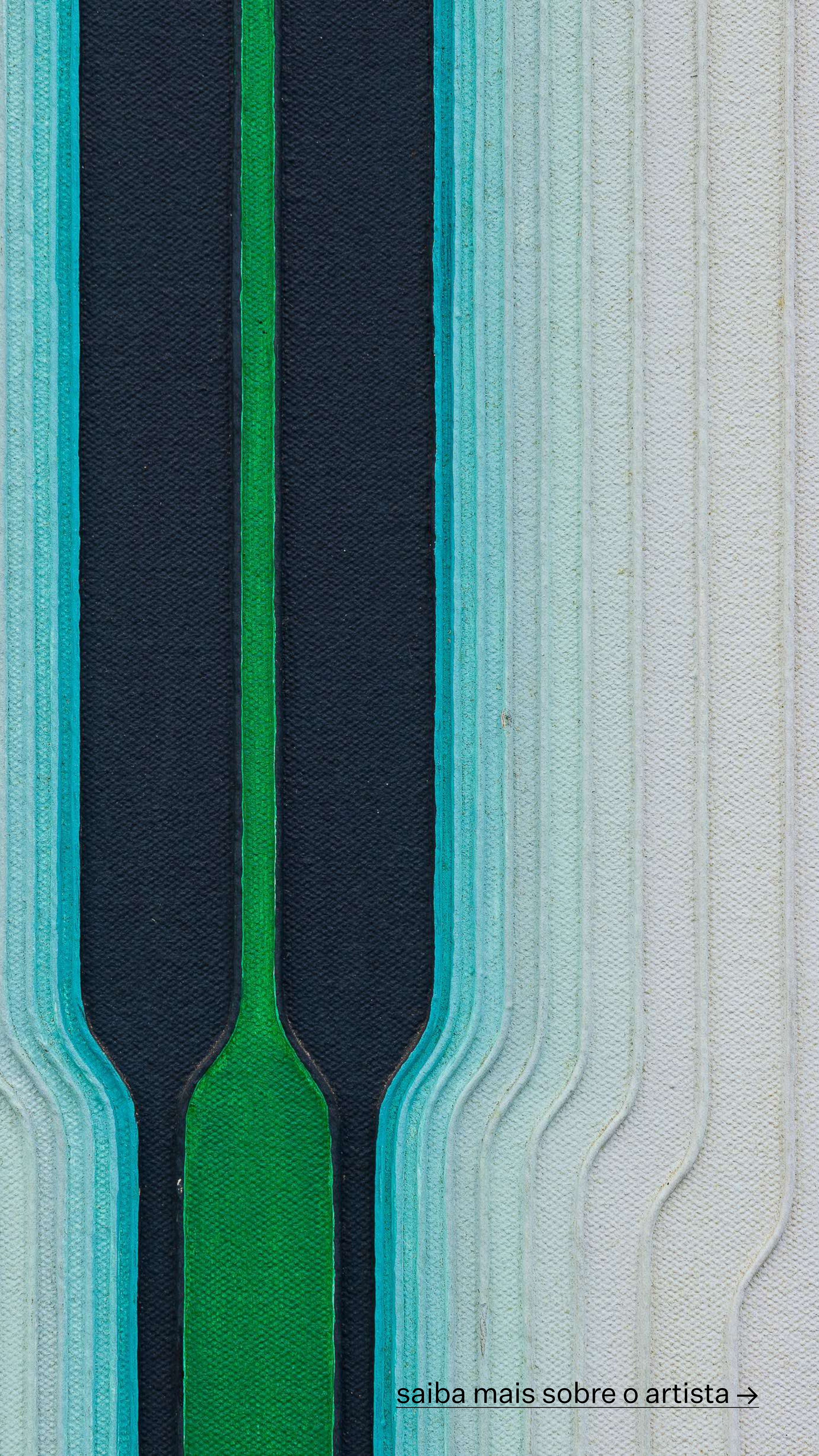
Abraham Palatnik
W-489, 2014
tinta acrílica sobre madeira
110 x 170 cm





Abraham Palatnik
Sem título, 1988
acrílica e cordas sobre tela
101 x 101 cm





[saiba mais sobre o artista →](#)

jose
dávila





Jose Dávila

Homage to the square, 2023

aço inox e pintura automotiva

unique

120 x 120 x 120 cm

Jose Dávila
Preocupação
Fundamental, 2023
basaltina italiana
e seixos rolados
(pedras de rio)
unique
279 x 40,5 x 40,5 cm



Jose Dávila
Sem título, 2024
concreto, pedra e pintura epóxi
156 x 101,5 x 39 cm

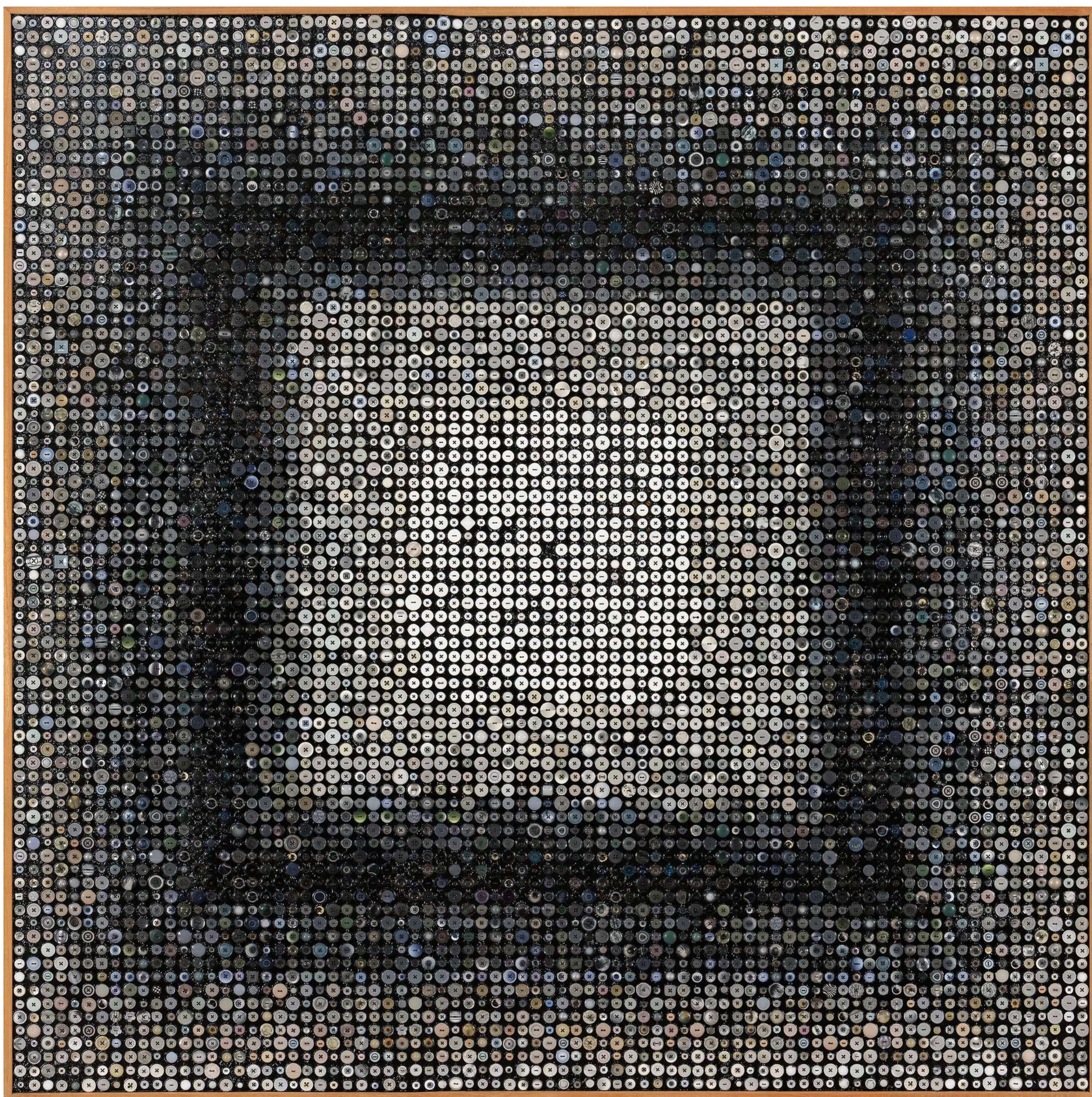




[saiba mais sobre o artista →](#)



josé
patrício



José Patrício

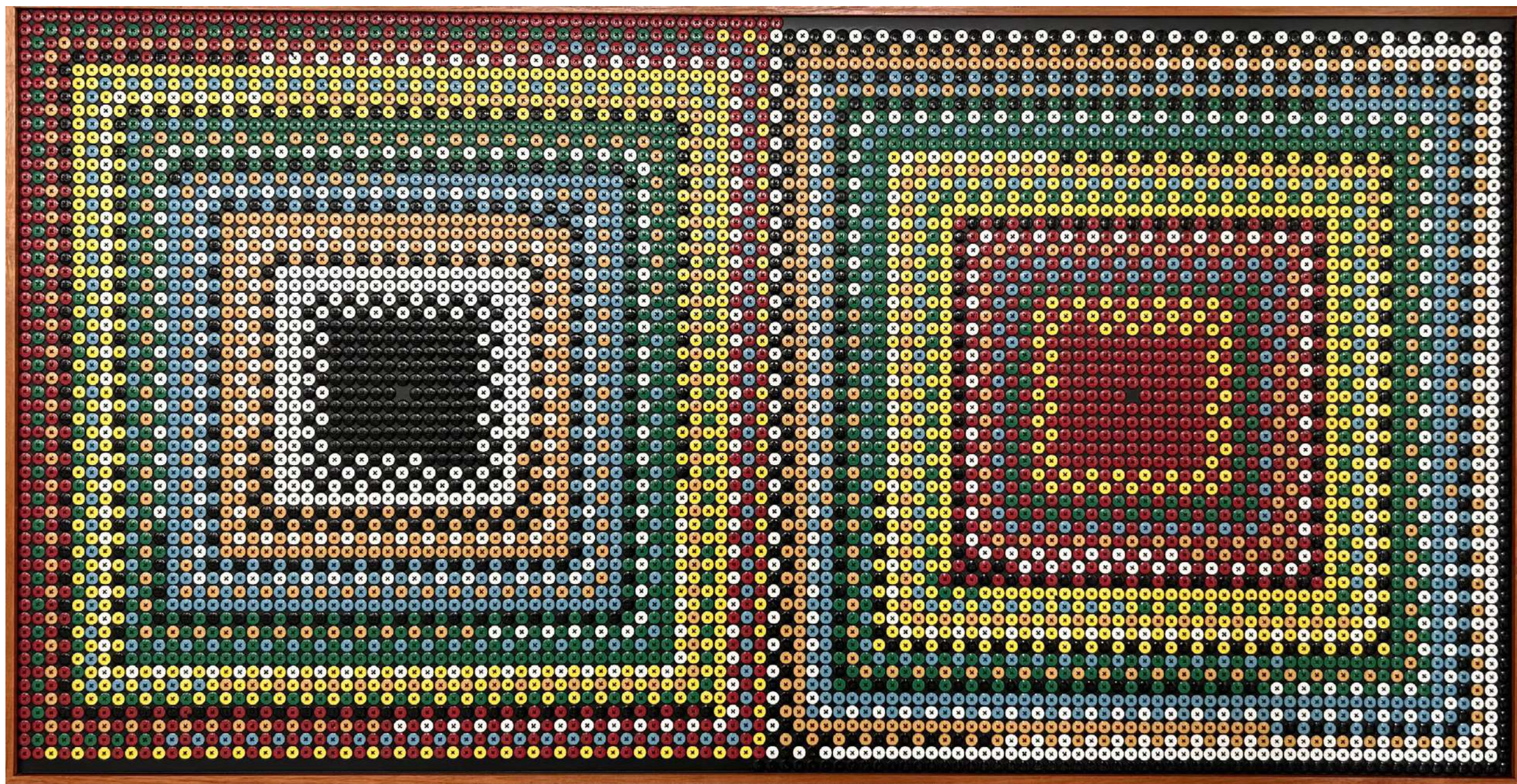
Afinidades cromáticas série 2 nº 4, 2023

botões e esmalte sintético sobre madeira

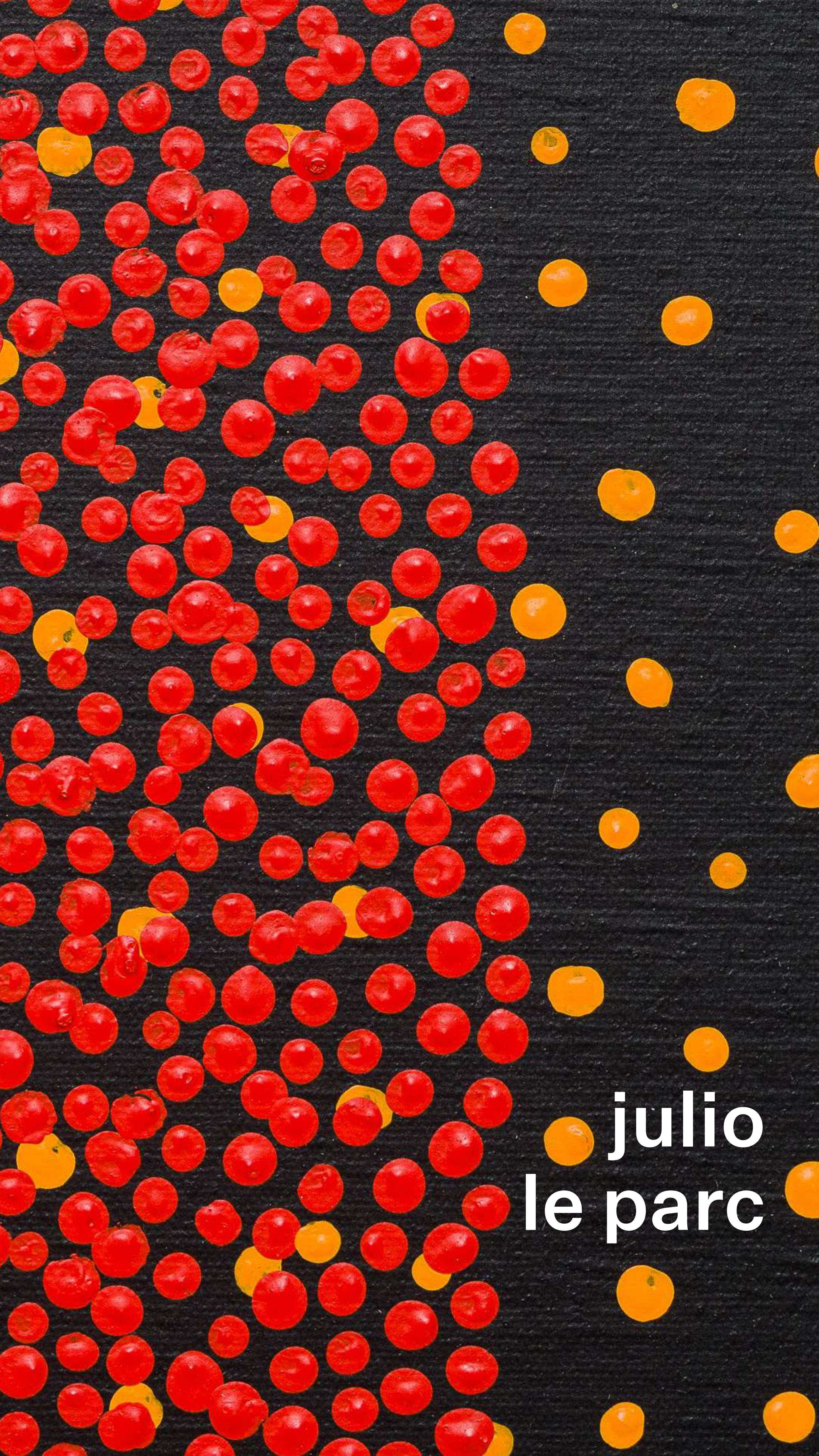
ed única

163 x 163,5 cm

José Patrício
6.272 *botões* - 112, 2025
botões e esmalte sintético
sobre madeira
edição de 6
88 x 170,5 cm

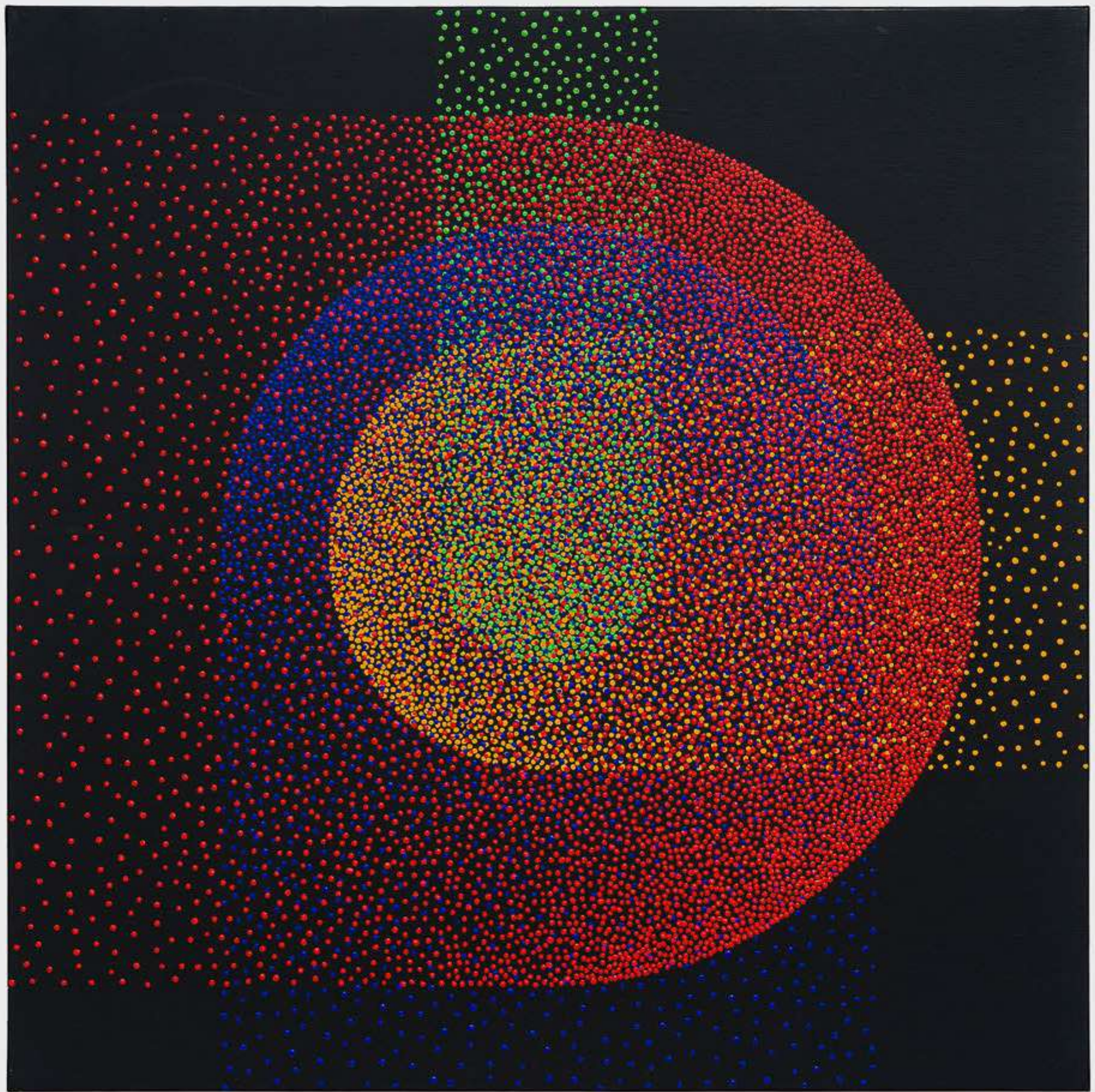


[saiba mais sobre o artista →](#)



julio
le parc

Julio Le Parc
Alchimie 549, 2023
acrílica sobre tela
100 x 100 x 3 cm



Julio Le Parc
Alchimie 564, 2024
tinta acrílica sobre tela
150 x 300 x 3,5 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)



vik
muniz

Vik Muniz

*Paisagem no interior da
mata tropical no Brasil
com figuras, a partir de
Johann Moritz Rugendas
(série Dinheiro vivo), 2024*

impressão jato de tinta em papel archival

edição de 6 + 4 PA

203,2 x 160 cm



Vik Muniz

Costureira (série Pictures of Thread 2), 2025

impressão jato de tinta em papel archival

edição de 3

101,6 x 76,2 cm

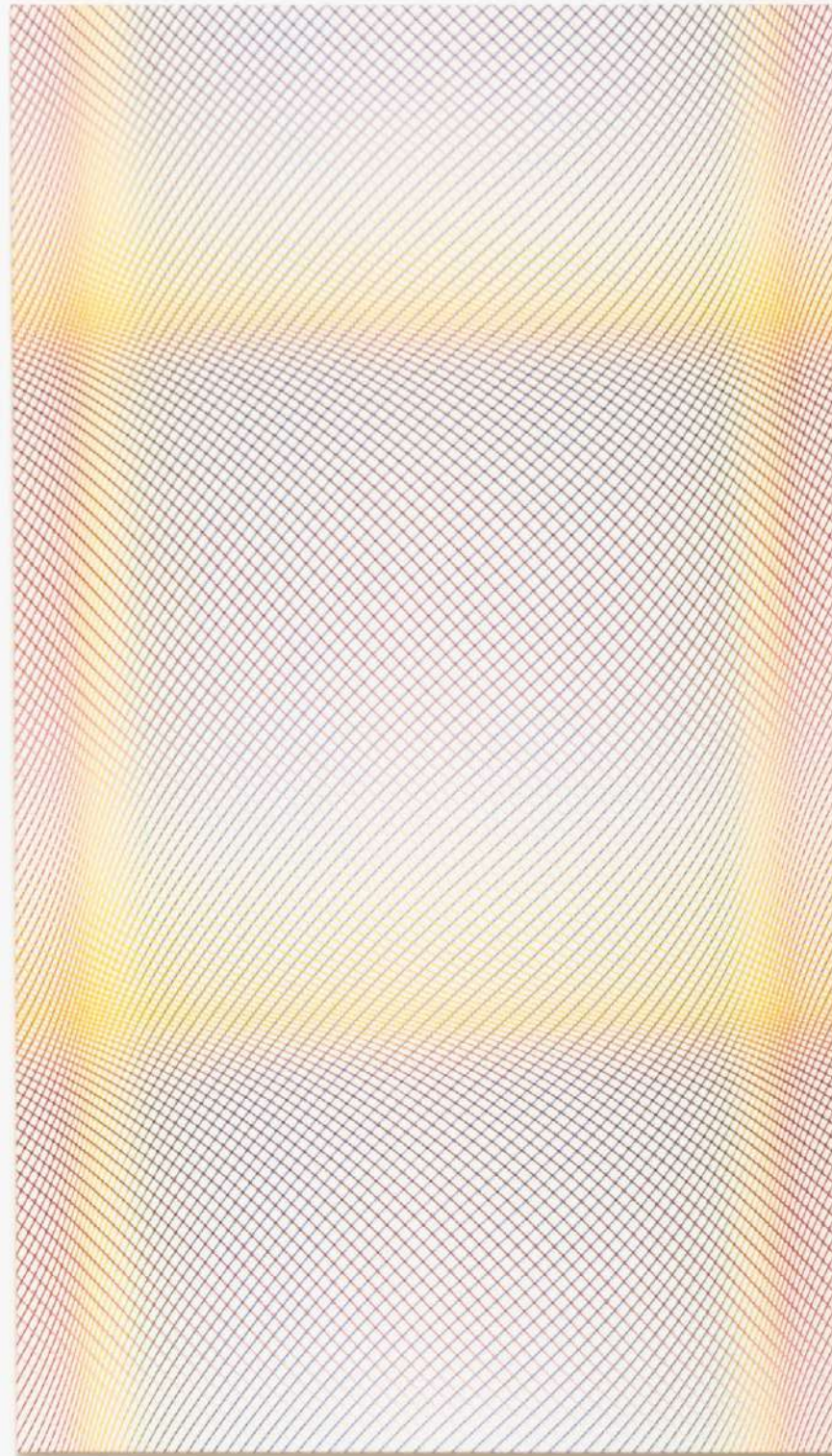


[saiba mais sobre o artista →](#)

The background is a white textured surface with a grid of diagonal lines. The lines are made of thin, overlapping strips of paper or tape. The colors of the strips range from bright yellow to deep red, with some strips showing a gradient. The lines intersect to form a grid of small, irregular squares.

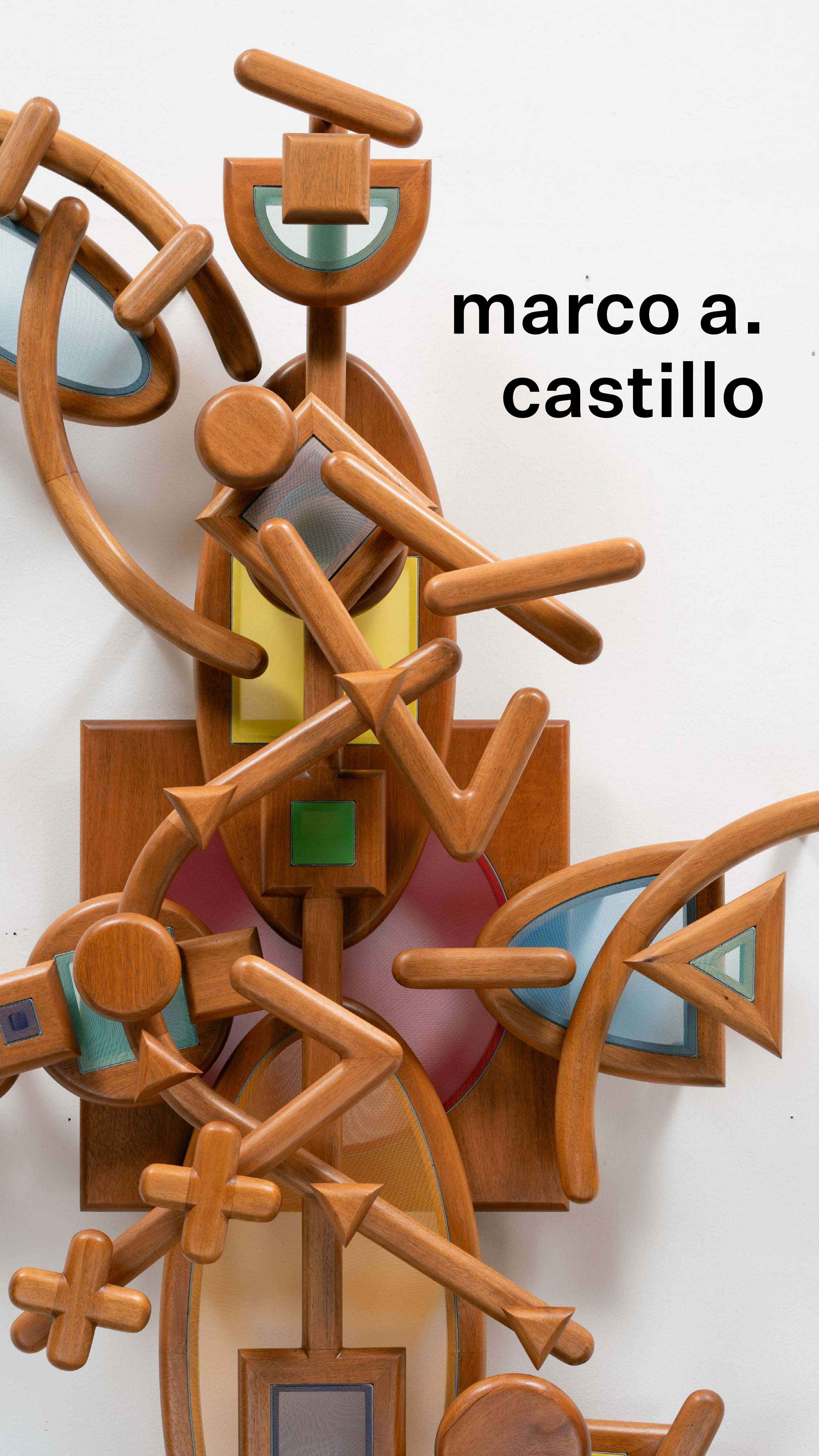
**philippe
decrauzat**

Philippe Decrauzat
Screen (frame), 2025
tinta acrílica sobre tela
140 x 80 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)





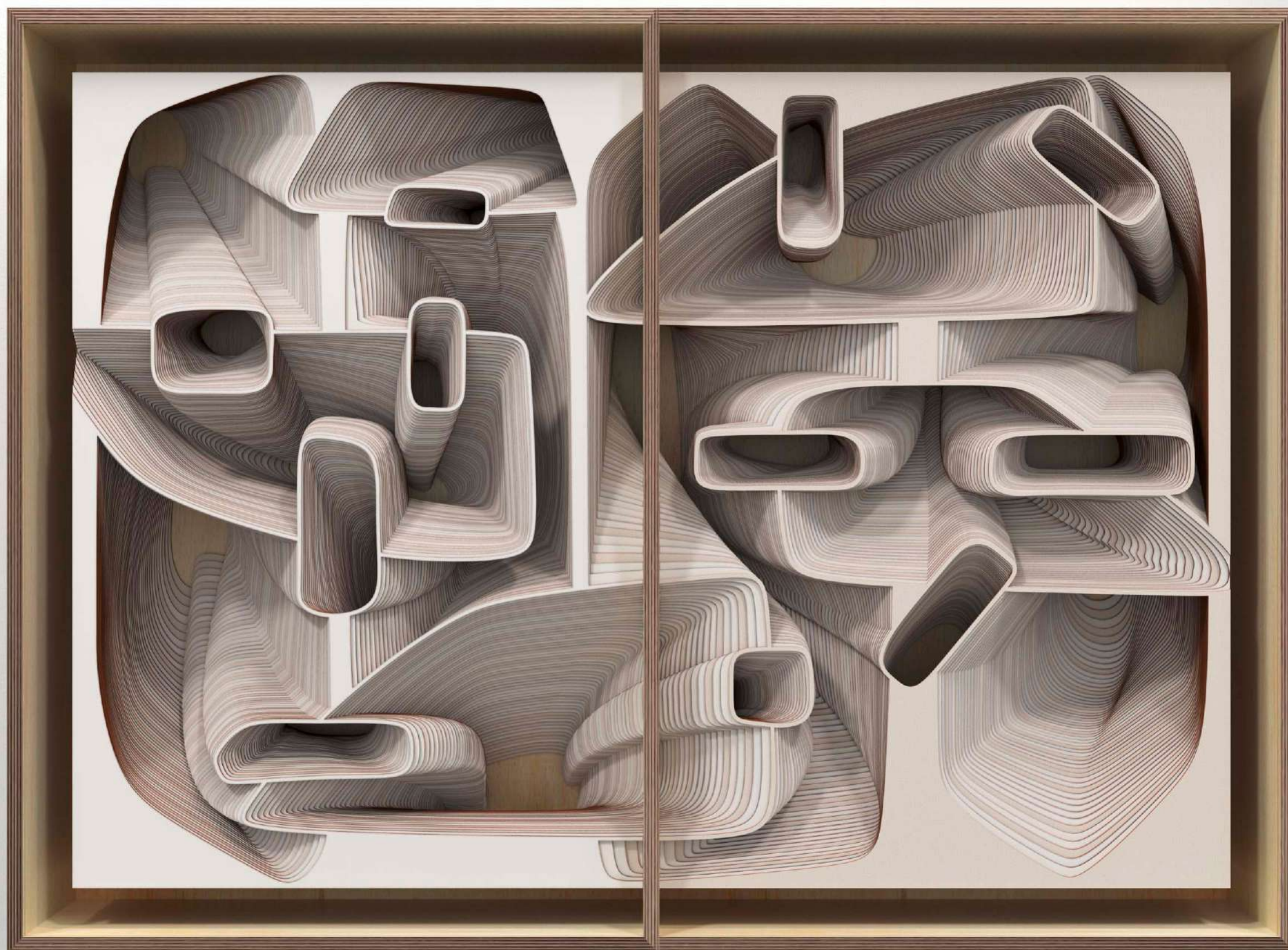
**marco a.
castillo**

Marco A. Castillo
Lam Palo 3, 2025
escultura em madeira
(mogno), malha e borracha
205,7 x 134,7 x 37 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)

Marco A. Castillo
Wakamba con facciones
cuadradas 2, 2024
cartão
100 x 140 x 17 cm



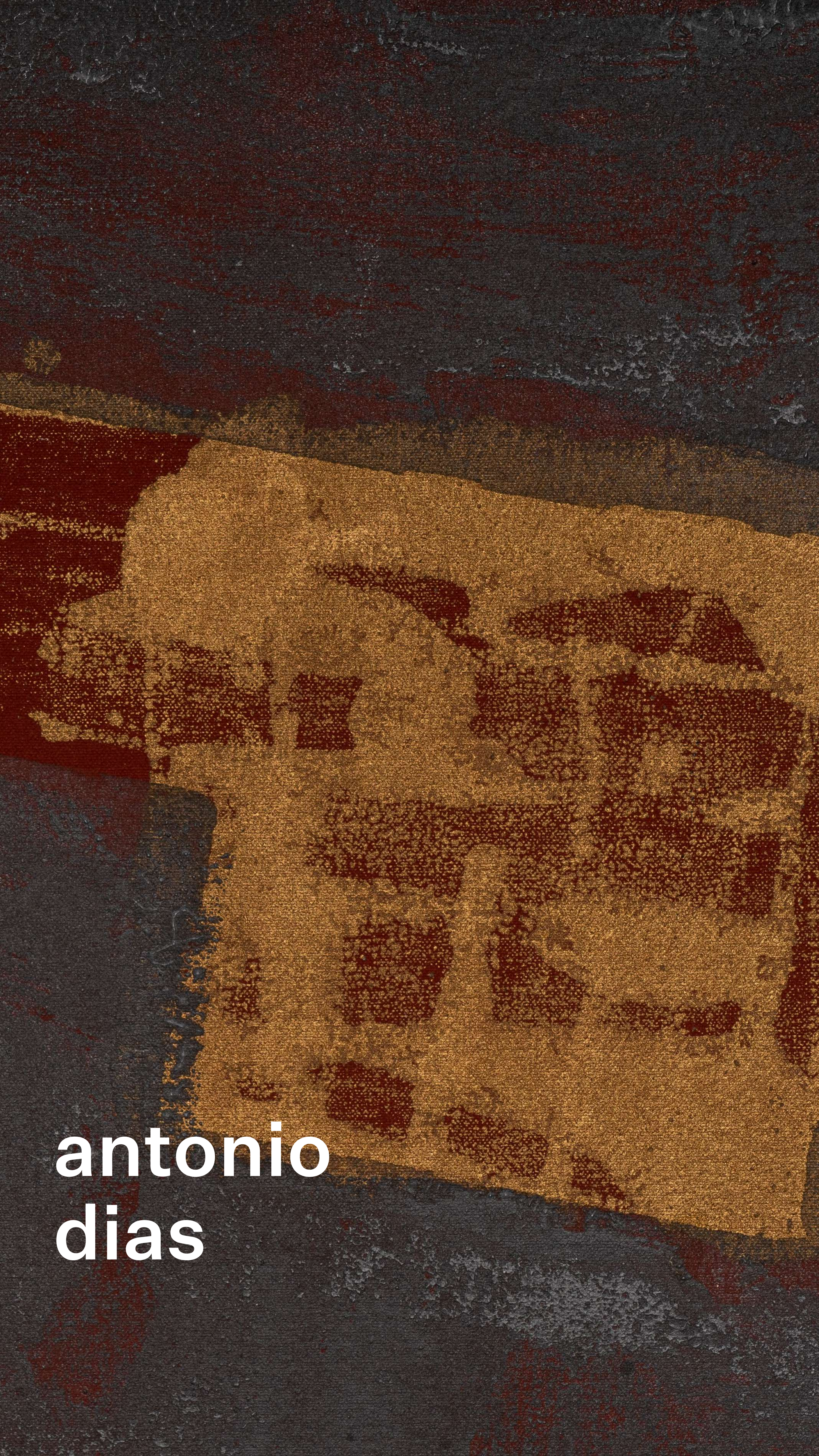


lucia
koch

Lucia Koch
Bronx, 2025
impressão de pigmento
em papel de algodão
edição de 3 + 1 PA
147 x 290 cm



[saiba mais sobre a artista →](#)



antonio
dias

Antonio Dias

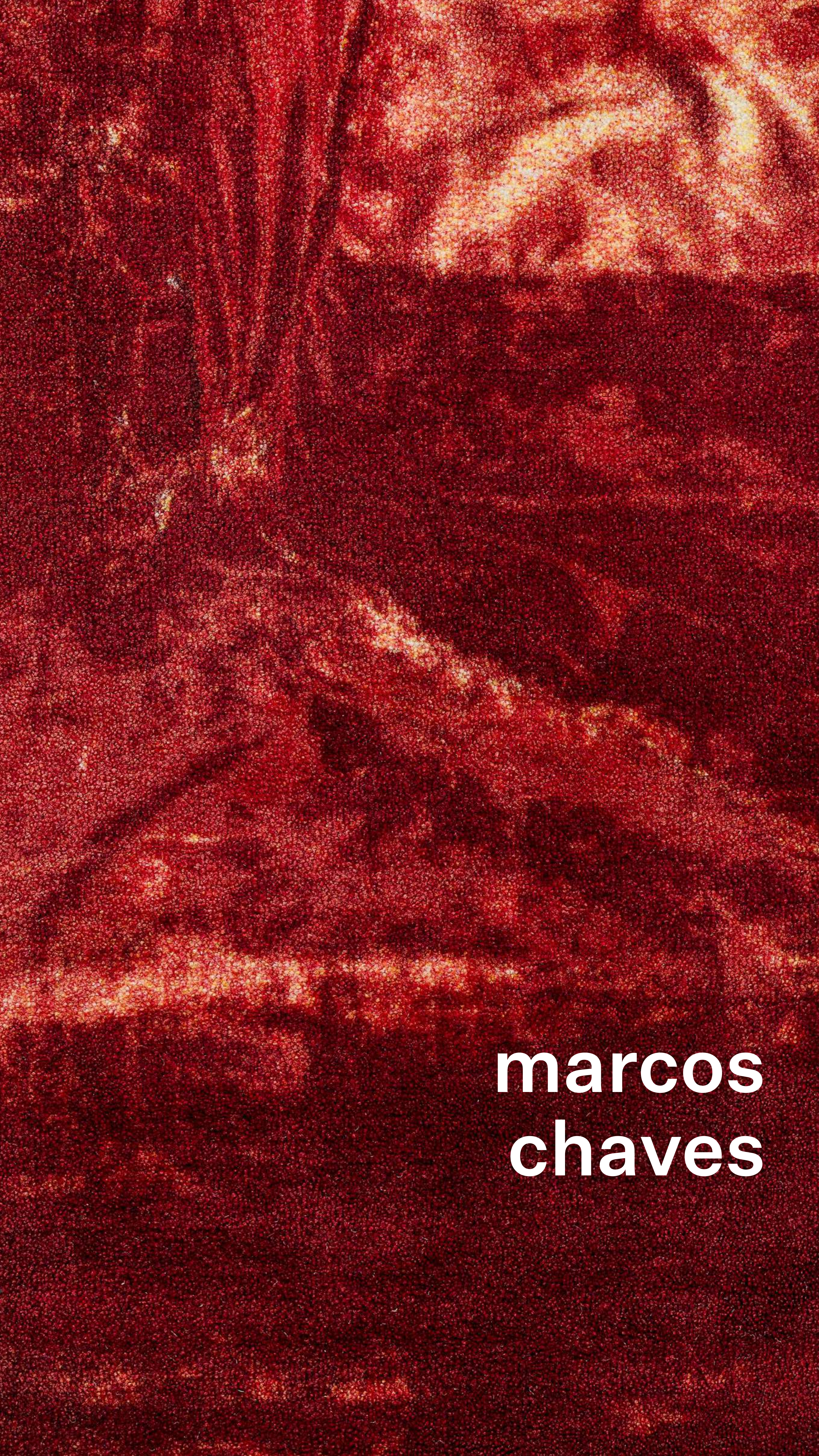
Todas as cores dos homens, 1993

acrílica, grafite, malaquita sobre tela

75 x 240,7 x 3 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)



**marcos
chaves**

Marcos Chaves
Fontainebleau II, 2025
tapeçaria impressa
edição de 3 + 1PA
200 x 150 cm



Marcos Chaves
Garnier IV, 2025
tapeçaria impressa
edição de 3 + 1PA
160 x 120 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)



cristina
canale

Cristina Canale
Vaso-aquário, 2025
tinta acrílica, tinta óleo e
colagem de tecido sobre linho
110 x 100 x 3,5 cm



[saiba mais sobre a artista →](#)

The background is an abstract composition of three main textured blocks. A large, dark blue block with a rough, pebbled texture occupies the left side and bottom. A smaller, solid brown block is positioned at the top center, acting as a vertical separator. The right side of the image is a large, light beige block with a similar pebbled texture. The text is printed in the lower right area of the beige block.

**fabio
miguez**

Fabio Miguez
Sem título, 2025
tinta óleo e cera sobre tela
160 x 100 cm



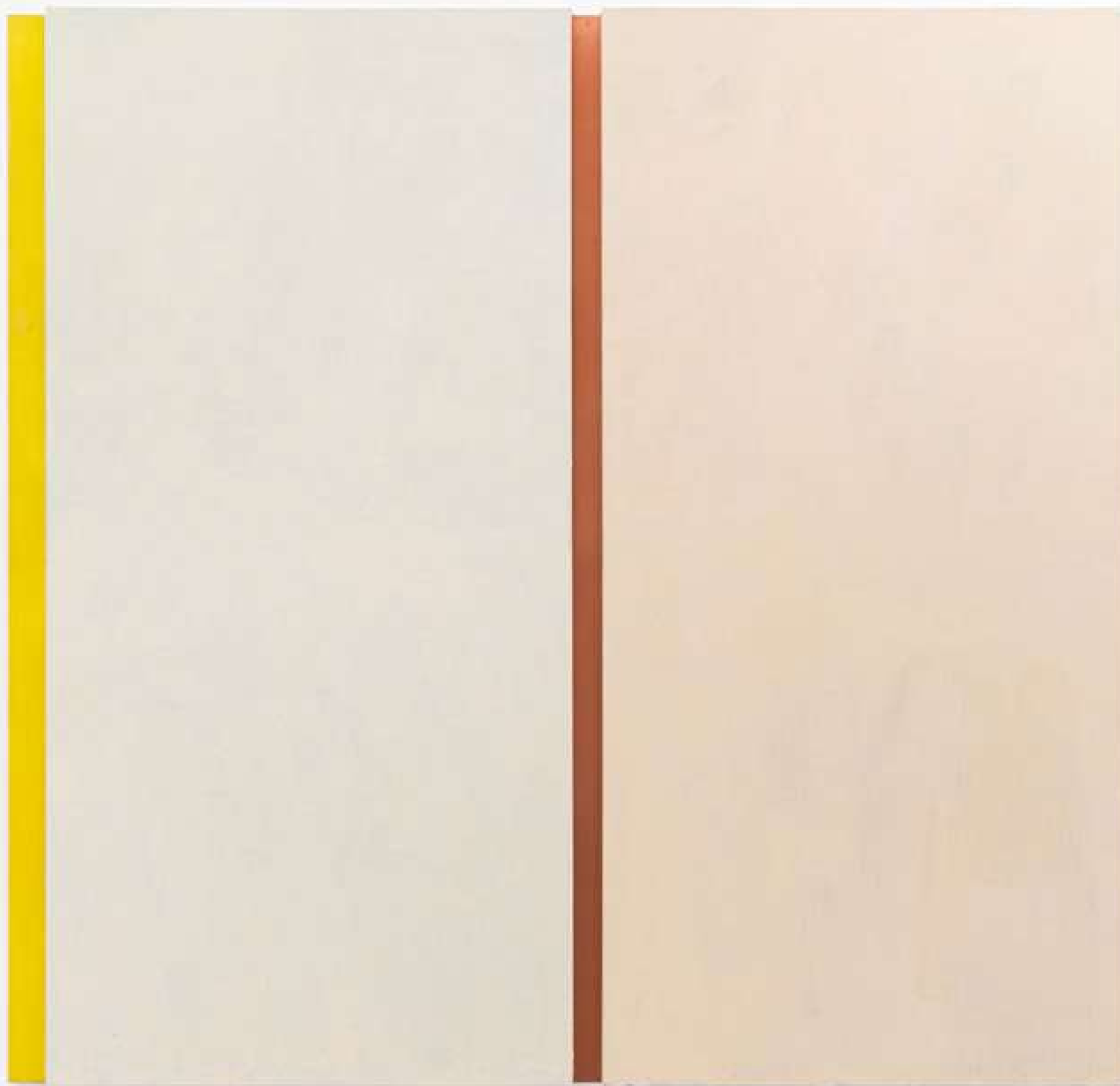
Fabio Miguez
Sem título, 2025
tinta óleo e cera sobre linho
45 x 40 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)

**sérgio
sister**

Sérgio Sister
Sem título, 2024
tinta óleo sobre tela
185 x 193 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)



**heinz
mack**

Heinz Mack
*Sem título (Chromatic
Constellation)*, 2020
tinta acrílica sobre tela
155 x 173 cm



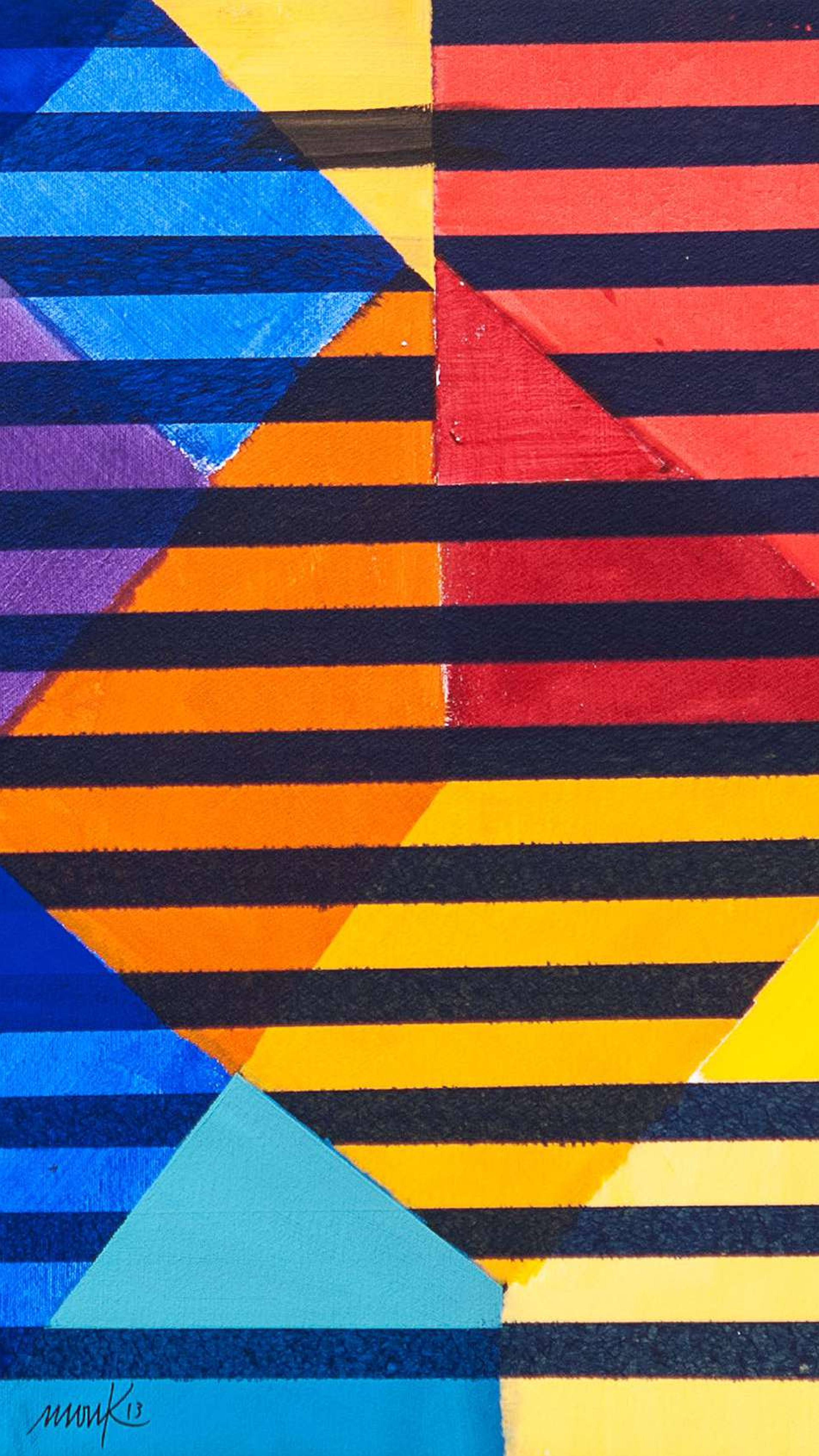
Heinz Mack

Sem título (Chromatic Constellation), 2013

tinta acrílica sobre tela

44 x 60 x 2,3 cm





monk13

Heinz Mack

Sem título, 1977

folha de alumínio sobre papel,
madeira e acrílico

33 x 40 x 8 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)

**artur
lescher**

Artur Lescher
Bill # 02, 2025
cobre, latão, alumínio
e cabo de aço
edição de 5 + 2 PA
170 x 8 x 8 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)

JR



JR

Trompe l'oeil, Les Falaises du Trocadéro,

20 Mai 2021, 4h55, Paris, France, 2021

impressão colorida montada em dibond e acrílico

unique

122,5 x 183 x 6,5 cm



saiba mais sobre o artista →

**amelia
toledo**

Amelia Toledo
Espiral (série Campos de cor), 2016
tinta acrílica sobre linho
unique
200 x 95,4 x 3 cm



[saiba mais sobre a artista →](#)

**berna
reale**



Berna Reale

Incontornável, 2023

impressão fine art com pigmento

mineral em papel fotográfico Premium

Luster Hahnemühle adesivado em ACM 3mm

100 x 150 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)



carlos
bunga



Carlos Bunga
Novos mapas #10, 2024
tinta látex e cola sobre tapete
Ø 130 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)



marcelo
silveira

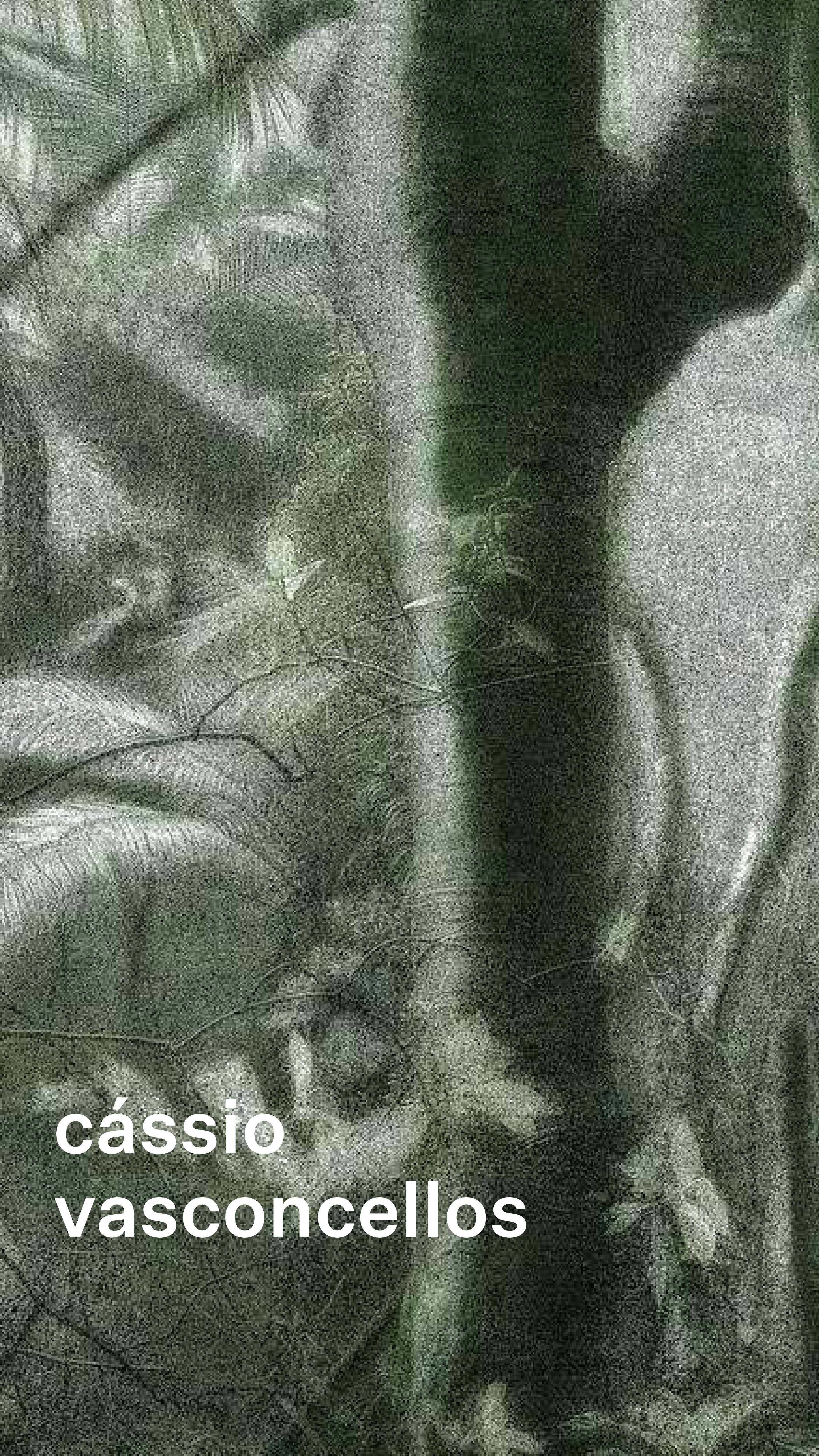
Marcelo Silveira
Semente IV, 2024
madeira cajacatinga
85 x 40 x 30 cm



Marcelo Silveira
Vegetariana, 2012-2024
madeira cajacatinga e cera de abelha
70 x 160 x 90 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)



**cássio
vasconcellos**

Cássio Vasconcellos

Viagem pitoresca pelo Brasil # 46, 2015

impressão jato de tinta sobre papel de algodão

unique

100 x 150 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)

brígida
baltar



Brígida Baltar
A pele da planta, 2020
bordado sobre algodão
32 x 28,5 cm



[saiba mais sobre a artista →](#)



**raul
mourão**

Raul Mourão

Mulher nova [protótipo], 2012

aço corten

236 x 166 x 141 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)

An abstract artwork featuring layered, torn paper or fabric in various colors including green, beige, brown, and black. The composition is vertical and textured, with visible brushstrokes and torn edges. The text 'manoela medeiros' is overlaid in the lower right quadrant.

**manoela
medeiros**

Manoela Medeiros
Sem Título, 2025
tinta acrílica, massa
acrílica, pigmento mineral
e escavação sobre tela
200 x 160 x 5 cm



Manoela Medeiros
Sem Título, 2025
tinta acrílica, massa
acrílica, pigmento mineral
e escavação sobre tela
150 x 120 cm



[saiba mais sobre a artista →](#)





**elian
almeida**

Elian Almeida
Terra de Santa Cruz
(*Uma Escala Latina depois*
de Albert Eckhout) III, 2025
tinta acrílica sobre tela
140 x 80 cm





Elian Almeida
Terra de Santa Cruz
(*Uma Escala Latina depois*
de Albert Eckhout) II, 2025
tinta acrílica sobre tela
157 x 100 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)



**jaime
lauriano**

Jaime Lauriano
Penca # 1, 2025
abraçadeira de nylon,
couro e escultura de
latão banhadas em cobre
edição de 3 + 1 PA
75 x 13 x 8 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)



**alberto
pitta**

Alberto Pitta
O *Bábá*, 2024
pintura e serigrafia sobre tela
218 x 164 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)

**daniel
buren**

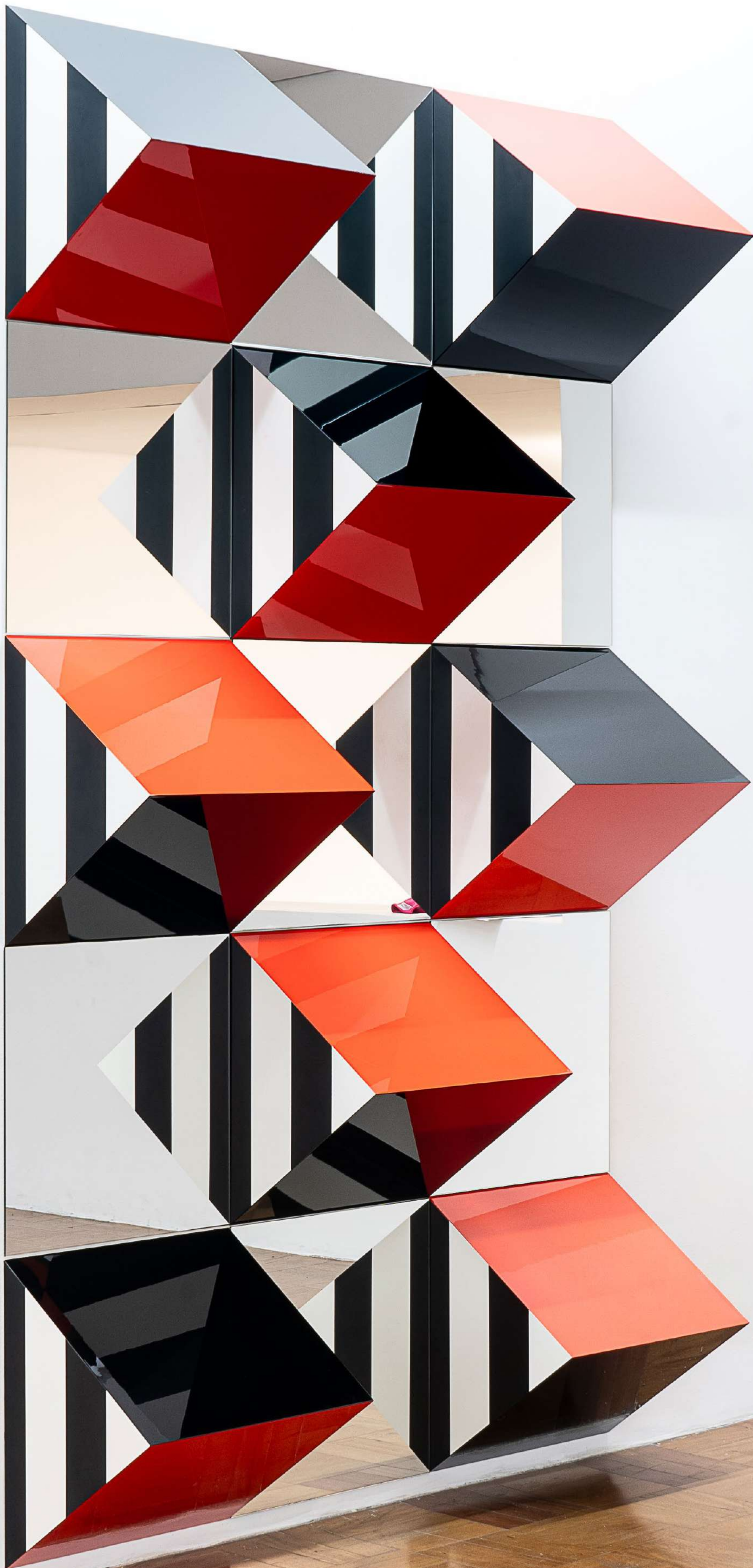
Daniel Buren

Prismas e Espelhos, alto-relevo -

n° 40: trabalho situado, 2023

madeira, cola, laca, espelho e adesivo vinil

217,5 x 130,5 x 30,45 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)



P

B

paulo
bruscky

Paulo Bruscky

Marcel Duchamp versus Rrose Sélavy, 2010

técnica mista sobre madeira

edição de 3 + 1 PA

3 x 30 x 30 cm



[saiba mais sobre o artista →](#)

[click here to go back to the beginning of the preview](#)

more about the artists

asuka anastacia ogawa

n. 1988, Tóquio, Japão
vive e trabalha em Los Angeles

Nascida no Japão, Asuka Ogawa viveu parte da infância e adolescência no Brasil, completou seus estudos na Suécia e graduou-se na Central Saint Martins, em Londres. A diversidade cultural que permeou seus anos formativos teve grande impacto em sua produção artística, que incorpora diferentes referências visuais, crenças e tradições.

Suas pinturas oníricas, com fundos monocromáticos e vibrantes, trazem representações frontais de crianças andróginas, semelhantes a bonecas, e construídas com grande economia formal, tendo seus rostos cuidadosamente construídos e olhos amendoados que parecem mirar para além do quadro. O esquema de construção dessas composições pictóricas, que por sua economia formal e intensidade cromática trazem uma certa aura de mistério, acaba por aproximá-las de imagens de natureza espiritual. Existe em sua poética grande referencia de sua própria ancestralidade, que combina elementos japoneses e afro-brasileiros. Nas palavras da artista: “Embora eu não tenha um tema quando pinto, estou sempre pensando em minha mãe, avó e bisavó, e na beleza, força, luta e amor de nossos ancestrais.”

Esse legado ancestral fica visível nos demais elementos que compõem as telas de Asuka, como vestimentas, adereços, objetos e animais. As situações em que estão inseridos esses personagens são bastante enigmáticas e, mesmo cenas banais e cotidianas como uma lavagem de roupa ou um jogo entre crianças, nas telas de Asuka ganham contornos metafísicos, carregadas de simbolismos que conectam a artista às suas diversas raízes.

exposições individuais selecionadas

- *Melinha*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2024)
- *Pedra*, Blum & Poe, Los Angeles, EUA (2023)
- *Tamago*, Blum & Poe, Los Angeles, EUA (2022)
- *Feijão*, Half Gallery, Nova York, EUA (2019)
- *Soup*, Henry Taylor’s, Los Angeles, EUA (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Japan in/out Brazil*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2024)
- *Room by room: concepts, themes and artists in The Rachosfy Collection*, The Warehouse, Dallas, EUA (2023)
- *Co-respondences: Brazil and abroad*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *5471 Miles*, Blum & Poe, Los Angeles, EUA (2020)
- *Don’t Eat Me*, Deli Gallery, Nova York, EUA (2018)

-
- *Early 21st Century Art*, Almine Rech Gallery, Londres, Reino Unido (2018)

coleções selecionadas

- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA
- Nasher Museum of Art, Duke University, Durham, EUA
- X Museum, Pequim, China

de volta ao trabalho da artista ↑

karin lambrecht
n. 1957, Porto Alegre, Brasil
vive e trabalha em Broadstairs, Reino Unido

Toda a produção de Karin Lambrecht em pintura, desenho, gravura e escultura demonstra uma multifacetada preocupação com as relações entre arte e vida, compreendida em sentido abrangente: trata-se de vida natural, vida cultural e vida interior. Para o pesquisador Miguel Chaia, os processos técnico e intelectual de Lambrecht se inter-relacionam e se mantêm evidentes nas obras para criar uma “visualidade espalhada na superfície e direcionada para a exterioridade”. Seu trabalho é ação que funde corpo e pensamento, vida e finitude.

No início da carreira, Lambrecht repensou a tela e a forma de pintar, em alguns trabalhos ela elimina o chassi, costura tecidos, e usa retalhos chamuscados. A abstração gestual, característica da “Geração 80”, da qual fez parte, possui papel central em seus trabalhos. Sua prática expande a noção tradicional de pintura e estabelece diálogos entre Arte Povera e Joseph Beuys, entre aspectos políticos, mas também materiais. Os volumes pesam como corpos, as delimitações ou negações do espaço dialogam com a escala que seus trabalhos assumem. A partir da década de 1990, a artista inclui materiais orgânicos em suas telas, como terra e sangue, o que determinou, em alguma medida, o repertório cromático que aparece então. Além do sangue animal, são elementos recorrentes em seu trabalho as formas cruciformes e as referências ao corpo, índices de diferentes níveis de identificação do espectador com a obra.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Seasons of the Soul*, Rothko Museum, Daugavpils, Letonia (2024)
- *Seasons of the Soul*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Karin Lambrecht – Entre nós uma passagem*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *Karin Lambrecht – Assim assim*, Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Nem eu, nem tu: Nós*, Espaço Cultural Santander, Porto Alegre, Brasil (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Fullgás: Artes Visuais e anos 1980 no Brasil*, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Acervo em transformação: Doações recentes*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2021)
- *Alegria: A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)

-
- *O espírito de cada época*, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2015)
 - 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)
 - *Violência e paixão*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil; Santander Cultural, Porto Alegre, Brasil (2002)
 - 4ª Bienal de Havana, Cuba (1992)
 - 19ª Bienal de São Paulo, Brasil (1987)

coleções selecionadas

- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA
- Ludwig Forum fur Internationale Kunst, Aachen, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho da artista ↑

daniel senise

n. 1955, Rio de Janeiro, Brasil
vive e trabalha entre Rio de Janeiro e São Paulo, Brasil

Daniel Senise é um dos representantes da chamada Geração 80, marcada pelo processo de retomada da pintura no Brasil. Desde o final da década de 1990, sua prática artística consiste no que pode ser descrito como “construção de imagens”. O processo começa com a impressão de superfícies – como pisos de madeira ou paredes de concreto – sobre tecidos, à maneira de monotípias. Esse material serve de base para suas obras, seja como área a ser trabalhada ou como fragmento a ser colado sobre outra imagem, frequentemente, fotográfica.

Sua produção tem forte relação com o espaço, cujos restos são incorporados aos trabalhos, de modo que ele passa a ser apresentado não só como figuração, mas também como matéria exposta. Cerâmicas quebradas, barras de metal, pedaços de madeira, poeira, entre outros elementos encontrados, são fixados sobre as imagens, servindo como anteparos que dificultam com que ela seja vista e, ao mesmo tempo, ressaltam seu caráter de rastro. Cria-se um jogo entre a realidade da matéria e sua representação. Por outro lado, o tempo também se faz fundamental, sobrepondo cronologias, gestos e vivências, a partir das complexas relações entre permanência e desaparecimento.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Biógrafo: Daniel Senise*, Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP), São Paulo, Brasil (2023)
- *Verônica*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Todos os Santos*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2019)
- *Antes da palavra*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Printed Matter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2017)
- *Quase aqui*, Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *2892*, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2011)
- *Pinacoteca do Estado de São Paulo*, São Paulo, Brasil (2009)
- *Vai que nós levamos as partes que te faltam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2008)
- *The Piano Factory*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2002)

-
- *Museo de Arte Contemporáneo, Monterrey, México* (1994)
 - Museum of Contemporary Art, Chicago, EUA (1991)

exposições coletivas selecionadas

- *18ª, 20ª, 24ª e 29ª Bienal de São Paulo, Brasil* (1985, 1989, 1998, 2010)
- *11ª Bienal de Cuenca, Equador* (2011)
- *44ª Bienal de Veneza, Itália* (1990)
- *2ª Bienal de La Habana, Havana, Cuba* (1986)

coleções selecionadas

- Stedelijk Museum Amsterdam, Amsterdam, Holanda
- Ludwig Museum, Köln, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

not vital

n. 1948, Sent, Suíça, onde vive e trabalha

Not Vital é reconhecido por sua prática baseada no intenso contato com a natureza e na adoção de um estilo de vida nômade. Sua produção normalmente provoca percepções inusitadas, frequentemente de surpresa ou estranhamento, ao deslocar para o contexto artístico formas próprias da natureza ou elementos característicos de regiões remotas, muitas vezes alterando sua escala e materialidade. Desde o começo dos anos 1980, o artista articula escultura – recorrendo, muitas vezes, a processos colaborativos com artesãos – à construção de espaços, diluindo os limites entre arte e arquitetura e estabelecendo uma íntima relação com o contexto cultural local. De fato, em seu trabalho, os objetos alteram nossa percepção tanto do ambiente em que se situam, seja pela reflexividade do material ou pelo seu posicionamento, quanto das estruturas arquitetônicas do espaço, que fogem da linguagem usual, tornando-se verdadeiras esculturas habitáveis.

Vital desenvolve também obras em pintura e desenho que dialogam com os assuntos presentes em suas propostas escultóricas e arquitetônicas. Os materiais empregados são os mais diversos, indo dos mais simples e perecíveis – café, sal, ovo – até os mais valiosos e duradouros – mármore, prata e ouro. Desde o final dos anos 1990, ele instala construções de caráter permanente em diversos lugares como Agadèz (Níger), Patagônia chilena (Chile) e Paraná do Mamori (Brasil). Além de seus chamados *habitats*, dentre os quais se destaca *House to Watch the Sunset*, essas construções incluem escolas, pontes ou túneis.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Not Vital: A Vida é um Detalhe*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Not Vital: Scarch*, Abbazia di San Giorgio, Veneza, Itália (2021)
- *Scarch*, Hauser & Wirth, Somerset, Reino Unido (2020)
- *Let One Hundred Flowers Bloom*, Galerie Andrea Caratsch, St. Mortiz, Suíça (2019); Ateneum, Helsinque, Finlândia (2018)
- *Saudade*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- *Yorkshire Sculpture Park*, Wakefield, Reino Unido (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Mães*: Not Vital & Richard Long, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- 17ª Bienal de Arquitetura de Veneza, Itália (2021)

- *Passion: Bilder von der Jagd*, Bündner Kunstmuseum Chur, Chur, Suíça (2019)
- *Surrealism Switzerland*, Aargauer Kunsthau, Aarau, Suíça (2018)
- *Illumination*, Louisiana Museum of Modern Art, Humlebæk, Dinamarca (2016)
- *Simple Forms: Contemplating Beauty*, Mori Art Museum, Tóquio, Japão

coleções selecionadas

- Bibliothèque Nationale, Paris, França
- Kunstmuseum Bern, Berna, Suíça
- Louisiana Museum of Modern Art, Humblaek, Dinamarca
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Toyota Municipal Museum of Art, Aichi, Japão

de volta ao trabalho do artista ↑

andré griffo
n. 1979, Barra Mansa, Brasil
vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

A pesquisa de André Griffo é voltada para a pintura e suas relações históricas com a representação da arquitetura. Longe dos grandes discursos panfletários, o artista nos convida a dar atenção aos mínimos detalhes de suas imagens que refletem as muitas violências que dão corpo às narrativas relativas às histórias do Brasil e suas ruínas. Nesse sentido, suas telas são complexos arquivos visuais onde coexistem os mais diversos elementos, cujas relações são capazes de ressignificar e aprofundar as críticas ali presentes. O trabalho de Griffo volta-se para a crítica das estruturas de poder, em especial sobre as ficções por elas criadas para a manutenção do controle dos indivíduos. Entre elas, o artista volta-se às permanências dos efeitos da economia escravocrata na formação histórica brasileira, assim como aos mecanismos das instituições religiosas na fundação de imaginários que visam a submissão dos fiéis.

Griffo utiliza sua formação em arquitetura para elaborar espaços em que coexistem referências históricas e contemporâneas. Seus espaços, usualmente vazios, são habitados por rastros, símbolos e signos que destacam a permanência e influência do passado em problemáticas socioculturais atuais de modo fantasmático. Sua produção entrelaça o documental e o ficcional, explorando a conexão entre as disciplinas da História da Arte e da Arquitetura às questões sociais, brasileiras e mundiais. Ao sobrepor diversas temporalidades e suas complexas realidades, os trabalhos de Griffo expõem elementos constitutivos da sociedade de modo a criar relatos sobre a permanência das coisas.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Voarei com as asas que os urubus me deram*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Objetos sobre arquitetura gasta*, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Intervenções pendentes em estruturas mistas*, Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil (2015)
- *Predileção pela alegoria*, Galeria Athena, Rio de Janeiro, Brasil (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *From the Ashes*, People’s Palace Project, Londres, Reino Unido (2024)
- *Contratempo*, Casa Museu Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc Vídeio Brasil, São Paulo, Brasil (2019)

-
- *Intervenções*, Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil (2016)
 - *Ao amor do público*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
 - *Aparições*, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
 - *Instabilidade estável*, Paço das Artes, São Paulo, Brasil (2013)

coleções selecionadas

- Denver Art Museum, Denver, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Instituto PIPA, Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

angelo venosa
n. 1954, São Paulo, Brasil
m. 2022, Rio de Janeiro, Brasil

No início da década de 1970 frequentou a Escola Brasil, espaço experimental de ensino de arte. Em 1974, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde estudou na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI-UERJ). Na década de 1980, assiste a cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, epicentro da chamada “Geração 80”. Venosa se distingue de grande parte dos artistas de sua geração, marcada pela retomada da pintura, por ter se dedicado à escultura. Seus trabalhos em madeira, envoltos por tecido, resina e fibra de vidro, ou compostos por cera de abelha e dentes, evocam volumes incomuns, fundando uma temporalidade ambígua, emanando referências a eras ancestrais. Essa sensação se amplia pela tensão entre as formas e os materiais empregados.

Sobre seus trabalhos, sintetiza o crítico Lorenzo Mammi: “Ainda mais adequado, talvez, para comentar essas obras, seja um trecho de *A montanha mágica*, de Thomas Mann: “O que era, então, a vida?... era uma febre da matéria... Não era nem matéria nem espírito. Era qualquer coisa entre os dois, um fenômeno sustentado pela matéria, tal e qual o arco-íris sobre a queda-d’água, e igual à chama. Mas, se bem não fosse material, era sensual até a volúpia e até o asco.”

“A precisão técnica da análise e o prazer artesanal da construção, sempre presentes nos trabalhos de Venosa, concorrem para construir não um objeto, mas um corpo, com todas as ressonâncias de alheamento e ameaça que esse termo possa ter. A mosca acaba incorporando a máquina, ou vice versa, no entanto, no resultado final, a vida permanece como um ruído surdo, irreduzível, inquietante.”

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Angelo Venosa*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2024)
- *Angelo Venosa: Escultor*, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Angelo Venosa*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2024)
- *Angelo Venosa: Escultor*, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- Projeto Clareira, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) (2021), São Paulo, Brasil
- *Catilina*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Penumbra*, Memorial Vale, Belo Horizonte, Brasil; Museu Vale, Vila Velha, Brasil (2018)
- *Angelo Venosa: Panorama*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife (2014); Palácio das Artes, Belo Horizonte (2014); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo (2013); Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)

exposições coletivas selecionadas

- *Em polvorosa – Um panorama das coleções do MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *From the Margin to the Edge: Brazilian Art and Design in the 21st Century*, Sommerset House, Londres, Reino Unido (2012)
- *MAM 60*, Oca, São Paulo, Brasil (2008)
- 5ª Bienal do Mercosul, Brasil (2005)
- 45ª Bienal de Veneza, Itália (1993)
- 19ª Bienal de São Paulo, Brasil (1987)

coleções selecionadas

- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

bruno dunley
n. 1984, Petrópolis, Brasil
vive e trabalha em São Paulo, Brasil

No universo pictórico de Bruno Dunley, promessas são constantemente feitas e quebradas, distendendo os limites da visualidade. Seu trabalho explora a pintura não apenas como técnica de figuração expressiva, mas busca refletir sobre a própria especificidade do meio, principalmente no que diz respeito à sua materialidade e função representativa na tradição artística. Dunley é um dos expoentes da nova e proeminente geração de pintores brasileiros e um dos fundadores do Grupo 2000e8. O coletivo de jovens artistas foi criado em São Paulo devido a um interesse compartilhado pela pintura e pela vontade de desenvolver um pensamento crítico sobre a técnica na contemporaneidade.

O processo de Dunley parte de composições rigorosamente construídas que passam por correções e alterações graduais e cuja função é revelar as lacunas e lapsos da percepção visual. Frequentemente, uma única cor predomina na superfície, o que gera uma postura meditativa diante do trabalho. Contudo, há a busca crescente por configurações mais agressivas, expressivas e contrastadas, por cores vibrantes. Em sua prática, a temática é sempre dúplice: o artista pinta influenciado pelo encontro com imagens cotidianas, assim como pelo estudo aprofundado do campo pictórico. Ambas convergem, porém, no uso pronunciado dos códigos dessa linguagem. Gestos, planos e cores fazem a representação emergir mais como um alfabeto, um território comum, em que o processo de feitura sempre está presente.

[**clique para ver o cv completo**](#)

exposições individuais selecionadas

- *Clouds*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Virá*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2020)
- *The Mirror*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2018)
- *Dilúvio*, SIM Galeria, Curitiba, Brasil (2018)
- *Ruído*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2015) e Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2013)
- *11bis Project Space*, Paris, França (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *The rains are changing fast*, The Hekscher Museum of Art, Huntington, EUA (2024)
- *Aberto 02*, Casa Vilanova Artigas, São Paulo, Brasil
- *Mapa da estrada: novas obras no Acervo da Pinacoteca de São Paulo*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
- *Entre tanto*, Casa de Cultura do Parque (CCP), São Paulo, Brasil (2020)

-
- *Triangular: Arte deste século*, Casa Niemeyer, Brasília, Brasil (2019)
 - *AI-5 50 ANOS – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
 - *139 X NOTHING BUT GOOD*, Park – platform for visual arts, Tilburg, Países Baixos (2018)
 - *Visões da arte no acervo do MAC USP 1900–2000*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2016)
 - *Deserto-modelo*, 713 Arte Contemporâneo, Buenos Aires, Argentina (2010)

coleções selecionadas

- The Hekscher Museum of Art, Huntington, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

carlito carvalhosa
n. 1961, São Paulo, Brasil
m. 2021, São Paulo, Brasil

A obra de Carlito Carvalhosa envolve predominantemente as linguagens da instalação, da pintura e da escultura. Nos anos 1980, integrou o Grupo Casa 7, em São Paulo, do qual faziam parte também Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro. As tendências do neoexpressionismo eram visíveis na produção desses artistas, sobretudo a utilização de superfícies de grandes dimensões e a ênfase no gesto pictórico. No fim dessa década, após a dissolução do grupo e alguns experimentos com encáustica, Carvalhosa concebeu quadros com cera pura ou misturada a pigmentos. Nos anos 1990, dedicou-se à produção de esculturas de aparência orgânica e maleável, utilizando materiais diversos, caso das “ceras perdidas”. Ainda em meados dessa década, fez também esculturas em porcelana.

Carvalhosa atribui profunda eloquência à materialidade do suporte, mas a transcende e aborda questões mais amplas, relativas às transformações do espaço e do tempo. Deparamo-nos, em sua prática, com a tensão entre forma e matéria, explicitada na disjunção entre o visível e o tátil. Aquilo que vemos não é o que tocamos, assim como o que se toca não é o que se vê. Desde o início dos anos 2000, o artista tem realizado pinturas sobre superfícies espelhadas que, nas palavras do curador Paulo Venâncio Filho, “colocam nossa presença dentro delas”. Não raro, Carvalhosa realiza instalações em que, além de técnicas usuais, faz uso de materiais como tecidos e lâmpadas.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Carlito Carvalhosa - A Metade do Dobro*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2024)
- *A Natureza das Coisas*, Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil (2024)
- *Matter as Image. Works from 1987 to 2021*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *I Want to Be Like You*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sala de espera*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2013)
- *Sum of Days*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2011)
- *Corredor*, Projeto Parede, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2008)

exposições coletivas selecionadas

- *Sensory Poetics: Collecting Abstraction*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2022)

-
- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019); Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
 - *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
 - 10ª Bienal de Curitiba, Brasil (2015)
 - *Rio (River)*, Performance, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2014)
 - 30ª e 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (2013 e 1985)
 - 3ª Bienal do Mercosul, Brasil (2001)

coleções selecionadas

- Salomon R. Guggenheim Museum, New York, USA
- Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO), Miami, EUA
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA

de volta ao trabalho do artista ↑

abraham palatnik
n. 1928, Natal, Brasil
m. 2020, Rio de Janeiro, Brasil

Abraham Palatnik é figura central da arte cinética e óptica no Brasil. Seu interesse pelas possibilidades criativas das máquinas evoca a relação entre arte e tecnologia. O artista formou-se em engenharia, o que contribuiu para que desenvolvesse investigações técnicas focadas na experimentação com o movimento e a luz, realizando proposições baseadas no fenômeno visual que tornaram seu trabalho conhecido ao longo de sete décadas de produção. Destacou-se no cenário artístico a partir do final da década de 1940, momento em que cria seu primeiro Aparelho cinecromático (1949), peça em que reinventa a prática da pintura por meio do movimento coreografado de lâmpadas de diferentes voltagens em distintas velocidades e direções que criam imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), essa instalação de luz recebeu Menção Honrosa do júri internacional por sua originalidade. Integrou também, a partir de meados da década de 1950, o Grupo Frente, vertente carioca do Construtivismobrasileiro, ao lado de artistas como Lygia Pape e Ivan Serpa, e críticos como Ferreira Gullar e Mário Pedrosa.

As séries de progressões e relevos que iniciou posteriormente, feitas em materiais diversos (como madeira, cartão duplex ou acrílico), apresentam efeitos ópticos e cinéticos criados a partir de um meticuloso processo manual. O resultado são composições abstratas marcadas por um padrão rítmico que remete ao movimento de ondas irregulares.

clique para ver o cv completo

-
- exposições individuais selecionadas**
- *Abraham Palatnik: O sismógrafo da cor*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
 - *Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte (2021); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro (2017); Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre (2015); Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba (2014); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo (2014); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-DF), Brasília, Brasil (2013)
 - *Abraham Palatnik: Em movimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
 - *Abraham Palatnik: Progression*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
 - *Palatnik, une discipline du chaos*, Galerie Denise René, Paris, França (2012)

- exposições coletivas selecionadas**
- *Sur moderno: Journeys of Abstraction – The Patricia Phelps de Cisneros Gift*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York,

-
- EUA (2019)
 - *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Museum of Modern Art in Warsaw, Varsóvia, Polônia (2017)
 - *Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950–1980*, Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA (2018)
 - *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)

- coleções selecionadas**
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
 - Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
 - Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
 - Royal Museums of Fine Arts of Belgium, Bruxelas, Bélgica
 - William Keiser Museum, Krefeld, Alemanha

jose dávila
n. 1974, em Guadalajara, México, onde vive e trabalha

Há mais de vinte anos Jose Dávila tem atuado principalmente no campo da escultura, criando trabalhos em que diferentes materialidades são articuladas em arranjos precários. Seus trabalhos, também se desdobram na produção de imagens em diferentes mídias como o desenho, a pintura e a gravura. O equilíbrio, alcançado a partir do agenciamento da energia gravitacional, é um dos principais métodos composicionais do artista, assim como a serialidade e o empilhamento, gerando formas que criam tensões não só visuais, mas físicas. A aparente instabilidade de suas peças instaura um estado de atenção que apura nossa percepção do espaço, também posta em cheque ao nos conduzir a encarar os elementos empregados em sua construção sob diferentes perspectivas, observando como são capazes de fazer coexistir a brutalidade e a fragilidade, a forma orgânica e forma artificial, a organização e o caos, a ameaça e o convívio.

A prática de Dávila se baseia em abordagem original das propriedades fundamentais do meio escultórico, tais como peso, densidade, forma, solidez, volume e massa. A esses aspectos somam-se as características das próprias matérias, que podem ser empregadas em estado bruto, como rochas, ou após terem passado por processos industriais, como estruturas de metal, concreto e vidro, fazendo do trabalho do artista o resultado expressivo da vontade construtiva humana. Articulando diferentes objetos, muitas vezes com auxílio de cordas e fios, ou apoiando-os um nos outros, o artista dá protagonismo às forças físicas, explicitadas pela relação de dependência entre as formas e fazendo-nos notar os diversos ritmos propostos pelas dinâmicas e tensões internas à sua configuração.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *El pasado nunca es el mismo*, Casa Wabi, Puerto Escondido, México (2024)
- *Um pirata, um poeta, um peão e um rei*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Las piedras saben esperar*, Centro Internazionale di Scultura, Peccia, Suíça (2021)
- *Directional Energies*, Dallas Contemporary, Dallas, EUA (2020)
- *Pensar como una montaña*, Museo Amparo, Puebla, México (2019)
- *Non tutti quelli che vagano sono persi*, Museo del Novecento, Florença, Itália (2018)
- *Die Feder und der Elefant*, Kunsthalle Hamburg, Hamburgo, Alemanha (2017)
- *Jose Dávila: The Object and the Environment*, Jumex Museum, Cidade do México, México (2016)

exposições coletivas selecionadas

- 16ª Bienal de Lyon, França (2022)
- 22ª Bienal de Sidney, Austrália (2020)
- 13ª e 12ª Bienal de Havana, Cuba (2019 e 2017)
- *Walking Through Walls*, Gropius Bau, Berlim, Alemanha (2019)
- *Cher(es) ami(e)s*, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2016)
- *Panorama. Foreigners everywhere*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2009)
- *Eco. Mexican Contemporary Art*, Museo Nacional Centro de Artes Reina Sofia (MNCARS), Madri, Espanha (2005)

coleções selecionadas

- *Solomon R. Guggenheim Museum*, Nova York, EUA
- *Centre Georges Pompidou*, Paris, França
- *Pérez Art Museum*, Miami, EUA
- *Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía* (MNCARS), Madri, Espanha
- *Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim*, Brumadinho, Brasil
- *Hamburger Kunsthalle*, Hamburgo, Alemanha

de volta ao trabalho do artista ↑

josé patrício
n. 1960, em Recife, Brasil, onde vive e trabalha

O trabalho de José Patrício se realiza na fronteira entre instalação e pintura, misturando esses gêneros. Sua prática parte do arranjo de objetos cotidianos, tais como dominós, dados e botões, a fim de criar padrões e imagens que podem ter caráter geométrico ou orgânico, ainda que não deixem de resguardar uma familiaridade enigmática com o cotidiano, tendo em vista a possibilidade de se reconhecer aqueles elementos nas composições. Patrício despontou no mundo da arte em 1999, quando criou uma instalação para o convento de São Francisco, em João Pessoa. Na ocasião, o artista utilizou dominós como elemento-chave para muitos dos seus trabalhos. Quando vistos de longe, os padrões observados ganham uma qualidade pictórica (dada sua configuração geral) que contrasta com a natureza gráfica individual de cada peça.

Sob a influência de importantes tendências e movimentos artísticos brasileiros, como a abstração geométrica e o concretismo, Patrício enfatiza o limite sutil entre a ordem e o caos e sugere que mesmo a mais rígida das fórmulas matemáticas possui uma potencial dimensão expressiva. Para o crítico e curador Paulo Sérgio Duarte, o procedimento de acumulação de Patrício nos leva a um “patamar diferente das questões colocadas pelo progresso da ciência e da técnica para a obra de arte. [...] Incorporado, como ponto de partida, o terreno da combinatória matemática, nos encontramos com a combinação das séries, reitero, infinitas nas suas possibilidades. O problema não é mais a reprodução do mesmo; trata-se, agora, de, a partir do mesmo, produzir infinitos outros.”

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *José Patrício: Agitações pelo Número*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Infinitos Outros*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Potência criadora infinita*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *José Patrício: Algorithm in ‘Object Recognition’*, Pearl Lam Galleries Hong Kong H’Queens, Hong Kong (2018)
- *Precisão e acaso*, Museu Mineiro, Belo Horizonte; Museu Nacional de Brasília (MUN), Brasília, Brasil (2018)
- *Ponto zero*, Sesc Santo Amaro, São Paulo, Brasil (2017)
- *Explosão fixa*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Utopias e distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2022)
- *Ateliê de gravura: Da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo

- (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Géométries américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l’art contemporain, Paris, França (2018)
- *Spots, Dots, Pips, Tiles: An Exhibition About Dominoes*. Perez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA (2017)
- *Asas e raízes*, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003)
- 22ª Bienal de São Paulo, Brasil (1994)

coleções selecionadas

- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Fondation Cartier pour L’art contemporain, Paris, França
- Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
- Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

de volta ao trabalho da artista ↑

julio le parc
n. 1928, Mendoza, Argentina
vive e trabalha em Cachan, França

Julio Le Parc é reconhecido internacionalmente como um dos principais nomes da arte óptica e cinética. Ao longo de seis décadas, ele realizou experiências inovadoras com luz, movimento e cor, buscando promover novas relações entre arte e sociedade a partir de uma perspectiva utópica. Suas telas, esculturas e instalações abordam questões relativas aos limites da pintura a partir de procedimentos que se aproximam da tradição pictórica na história da arte, como o uso de acrílico sobre tela, ao mesmo tempo que investigam potencialidades cinéticas em *assemblages*, instalações e aparelhos maquínicos que exploram o movimento real e a atuação da luz no espaço.

Pioneiro do gênero óptico e cinético, Julio Le Parc foi cofundador do Groupe de Recherche d’Art Visuel (1960–1968), coletivo de artistas que se propunha a incentivar a interação do público com a obra, a fim de aprimorar suas capacidades de percepção e ação. De acordo com essas premissas, somadas à aspiração, bastante disseminada na época, de uma arte desmaterializada, indiferente às demandas do mercado, o grupo se apresentava em locais alternativos e até na rua. As obras e instalações de Julio Le Parc, feitas com nada além da interação entre luz e sombra, são resultado direto desse contexto, no qual a produção de uma arte fugaz e não vendável assumia claro tom sociopolítico.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Julio Le Parc: The Discovery of Perception*, Palazzo Delle Papesse, Siena, Itália (2024)
- *Julio Le Parc: Couleurs*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2024)
- *Quintaesencia*, Museo de Arte Contemporáneo Atchugarry (MACA), Punta del Este, Uruguai (2023)
- *Julio Le Parc: Un Visionario*, Centro Cultural Néstor Kirchner, Buenos Aires, Argentina (2019)
- *Julio Le Parc 1959*, Metropolitan Museum of Art (Met Breuer), Nova York, EUA (2018)
- *Julio Le Parc: Da forma à ação*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2017)
- *Julio Le Parc: Form into Action*, Perez Art Museum, Miami, EUA (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Electric Dreams: Art and Technology Before the Internet*, Tate Modern, Londres, Reino Unido (2024)
- *Parallel Inventions: Julio Le Parc, Heinz Mack*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Action <-> Reaction: 100 Years of Kinetic Art*, Kunsthal Rotterdam, Rotterdam,

- Países Baixos (2018)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Museum of Modern Art, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, Il Pacific Standard Time: LA/LA (Il PST: LA/LA), Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)
- *Retrospect: Kinetika 1967*, Belvedere Museum, Viena, Áustria (2016)
- *The Illusive Eye*, El Museo del Barrio, Nova York, EUA (2016)

coleções selecionadas

- Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA
- Daros Collection, Zurique, Suíça
- Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA
- Musée d’Art Moderne de la Ville de Paris, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA

de volta ao trabalho do artista ↑

vik muniz

n. 1961, São Paulo, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Nova York, EUA

A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate e até lixo, o artista meticulosamente compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual ocidental, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, “sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para ‘ler’ uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento”.

Muniz também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte e da criatividade como fator de transformação em comunidades brasileiras carentes e criando, ainda, trabalhos que buscam dar visibilidade a grupos marginalizados na nossa sociedade.

clique para ver cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Flora Industrialis*, Museo Universidad de Navarra, Pamplona, Espanha (2023)
- *Dinheiro Vivo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Fotocubismo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Vik Muniz*, Sarasota Museum of Art (SMOA), Ringling College of Art and Design, Sarasota, EUA (2019)
- *Imaginária*, Solar do Unhão, Museu de Arte Moderna de Salvador (MAM-BA), Salvador, Brasil (2019)
- *Vik Muniz: Verso*, Belvedere Museum Vienna, Viena, Áustria (2018)
- *Afterglow – Pictures of Ruins*, Palazzo Cini, Veneza, Itália (2017)
- *Relicário*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *Fantastic Visions: Surreal and Constructed Images*, Amarillo Museum of Art, EUA (2022)
- *Art of Illusion*, Nelson-Atkins Museum of Art, Kansas City, EUA (2021)
- *Citizenship: A Practice of Society*, Museum

- of Contemporary Art, Denver, EUA (2020)
- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019)
- *Naar Van Gogh*, Vincent van GoghHuis, Zundert, Países Baixos (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- *Look at Me!: Portraits and Other Fictions from the “la Caixa” Contemporary Art Collection*, Pera Museum, Istambul, Turquia (2017)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

de volta ao trabalho do artista ↑

philippe decrauzat

n. 1974, Lausanne, Suíça

vive e trabalha entre Lausanne, Suíça, e Paris, França

Philippe Decrauzat é um dos principais nomes da nova geração de artistas ópticos e cinéticos. Sua produção multifacetada perfaz uma reflexão crítica sobre o legado desses movimentos na história da arte recente e abrange murais, esculturas, instalações, *site-specifics* e trabalhos em vídeo. O artista recupera noções relacionadas às vanguardas do início do século XX, indo do construtivismo russo ao movimento cinético e ao minimalismo. Linhas, planos, sólidos e sons são articulados de modo a propor situações que estabeleçam diálogo direto com o observador, estimulando o olhar do público.

Decrauzat realiza uma revisão da tradição moderna ao mobilizar métodos e teorias que se fazem presentes em campos distintos no âmbito da cultura pop, tais como arquitetura, design gráfico, cinema experimental e ficção científica. Contudo, ele não trabalha apenas com a apropriação. Sua operação se dá muito mais por meio de discretas referências e citações. Decrauzat elege seus temas e formas em função daquilo que apresentam, em termos de qualidades visuais e espaciais. A ênfase de sua prática reside na construção da percepção e da visão. Ao trabalhar o olho como instrumento, ele retoma a compreensão sobre a mecânica do olhar, que, atualmente, encontra-se excluída da maioria dos discursos artísticos em circulação.

[clique para ver cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Still (Time Stands)*, Le Portique Centre Regional d’Art Contemporain du Havre, Le Havre, França (2021)
- *Replica*, Blueproject Foundation, Barcelona, Espanha (2019)
- *Circulation*, Nara Roesler, São Paulo e Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Double Exposure*, Praz-Delavallade, Los Angeles, EUA (2019)

exposições coletivas selecionadas

- *Le plaisir du texte*, Musée des Beaux Arts du Locle, Locle, Switzerland (2023)
- *Mouvement et lumière #2*, Fondation Villa Datris, L’isle-sur-la-Sorgue, France (2023)
- *Interstellaire*, Fondation Opale, Lens, Suíça (2023)
- *Constellations*, Musée d’Art Moderne de Cerét, Cerét, França (2023)
- *Prix Marcel Duchamp*, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2022)

- *Concrete Contemporary – Now is Always also a Little of Yesterday and Tomorrow*, Museum Haus Konstruktiv, Zurique, Suíça (2019)
- *The Philosophical Eye*, Arte Invernizzi Gallery, Milão, Itália (2018)
- *Action <-> Reaction. 100 Years of Kinetic Art*, Kunsthall Rotterdam, Rotterdam, Países Baixos (2018)
- *Flatland / Abstractions narratives #2*, Musée d’Art Moderne Grand-Duc Jean (MUDAM), Luxemburgo (2017)

coleções selecionadas

- Fondation Louis Vuitton (FLV), Paris, França
- Kunsthau Zurich, Zurique, Suíça
- Museo de Arte Contemporáneo de Buenos Aires (MACBA), Buenos Aires, Argentina
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA

de volta ao trabalho do artista ↑

marco a. castillo

n. 1971, Havana, Cuba

vive e trabalha entre Havana, Cuba e Madri, Espanha

O cubano Marco Castillo é um dos membros fundadores do coletivo Los Carpinteros, criado em Havana, em 1992. O grupo tinha como preceitos a renúncia à autoria individual e a prática baseada na junção de elementos e formas da arquitetura, do design e da arte. Seus desenhos e instalações partem da observação de elementos materiais do nosso cotidiano. Esses aspectos são reelaborados para explorar a relação entre o funcional e o não funcional, assim como a relação entre arte e sociedade.

Em consonância com o movimento global de revisionismo histórico, Castillo reflete sobre o processo de modernização de Cuba durante as décadas de 1960 e 1970, fazendo referência a influentes artistas, arquitetos e designers cubanos. As esculturas e os trabalhos em papel de seu mais recente projeto combinam elementos do design moderno e do realismo socialista do período soviético a técnicas e materiais cubanos tradicionais – incluindo a madeira de mogno e a treliça de palha, além do desenho gráfico daquelas épocas.

Recentemente, o artista tem concentrado seu trabalho em reinterpretar obras de figuras-chave daquilo que chama de “geração esquecida”, como Gonzalo Córdoba, María Victoria Caignet, Rodolfo Fernández Suárez (Fofi), Joaquín Galván e Walter Betancourt. Assumindo um ponto de vista político, Castillo busca seguir a trilha deixada por esses artistas históricos, ao mesmo tempo que se afirma enquanto defensor e propagador da herança artística cubana.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *The Hands of Collector*, Cranbook Art Museum, Detroit, EUA (2024)
- *Propiedad del estado*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *The Decorator’s Home*, UTA Artist Space, Los Angeles, EUA (2019)
- *El susurro del palmar*, Galerie Peter Kilchmann, Zurique, Suíça (2018)
- *La cosa está candela*, Museo de Arte Miguel Urrutia, Bogotá, Colômbia (2017)
- *Los Carpinteros*, Museo de Arte Contemporáneo de Monterrey, México (2015)
- *Ciudad Transportable*, Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA (2001)

exposições coletivas selecionadas

- *Sin Autorizacion: Contemporary Cuban Art*, Columbia University, Nova York, EUA (2022)
- *On the Horizon: Contemporary Cuban Art from the Jorge M. Pérez Collection*, Pérez Art Museum Miami, Miami, EUA (2018)
- *Everyday Poetics*, Seattle Art Museum, Seattle, EUA (2017)

- *Adiós Utopia: Dreams and Deceptions in Cuban Art Since 1950*, Walker Art Center, Minneapolis; Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2017)
- *Alchemy: Transformations in Gold*, Des Moines Art Center, Des Moines, EUA (2017)
- *Contingent Beauty: Contemporary Art from Latin America*, Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2015)
- *The Kaleidoscopic Eye: Thyssen-Bornemisza Art Contemporary Collection*, Mori Art Museum, Tóquio, Japão (2009)
- *Bienal de Havana*, Cuba (2019, 2015, 2012, 2006, 2000, 1994, 1991)
- *13ª Bienal de Sharjah*, EAU (2017)
- *25ª Bienal de São Paulo*, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Daros Foundation, Zurique, Suíça
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

de volta ao trabalho do artista ↑

lucia koch
n. 1966, Porto Alegre, Brasil
vive e trabalha em São Paulo, Brasil

O trabalho de Lucia Koch investiga questões relativas ao espaço e propõe novas formas de experienciá-lo. A artista estabelece um intenso diálogo com a arquitetura – tanto pelo modo como suas obras interferem nos lugares onde são instaladas quanto pela criação de espaços imaginários, o que desafia e reorienta a percepção do espectador.

Nas palavras do crítico e curador Dan Cameron, a artista “é uma escultora, antes de mais nada, e por isso as obras que cria demandam um grau de materialidade para poder existir”. A partir de filtros, tecidos e outros anteparos, ela opera com a luz e seus efeitos cromáticos, sempre tensionando as relações entre o dentro e o fora, a transparência e a opacidade na criação de atmosferas únicas e sensíveis.

Desde 2001, Koch fotografa interiores de caixas e embalagens vazias, que sugerem extensões virtuais dos locais onde as obras são instaladas. Esse conjunto de imagens opera fundamentalmente a partir de jogos de escala, em que o pequeno se torna imenso e habitável, indagando, assim, sobre as condições capazes de transformar o espaço em lugar e se aproximando, cada vez mais, de uma pesquisa pouco ortodoxa no campo da arquitetura.

[**clique para ver o cv completo**](#)

-
- exposições individuais selecionadas**
- *People and Natural Numbers*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2025)
 - *Double Trouble*, Palais d’Iéna, Paris, França (2022)
 - *PROPAGANDA*, Instituto Inhotim de Arte Contemporânea, Brumadinho, Brasil (2021)
 - *Casa de vento*, Casa de Vidro, São Paulo, Brasil (2019) *Uma boa ordem*, Casa Wabi, Puerto Escondido, México (2019)
 - *A longa noite*, Sesc Pompéia, São Paulo, Brasil (2018)
 - *La temperatura del aire*, Fundación Caja de Burgos, Burgos, Espanha (2015)
 - *Mañana, montaña, ciudad y Brotaciones*, Flora ars + natura, Bogota, Colombia (2014)
 - *Cromoteísmo*, Capela do Morumbi, São Paulo, Brazil (2012)
 - *Correções de luz*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brazil (2007)

- exposições coletivas selecionadas**
- Islamic Arts Biennale 2025, Jeddah, Arábia Saudita (2025)
 - 1ª Bienal de Rabat, Marrocos (2019)
 - Open Spaces Kansas City Arts Experience, Kansas, EUA (2018)

-
- 2th Pacific Standard Time: LA/LA (PST: LA/LA) – *Learning from Latin America: Art, Architecture and Visions of Modernism*, Los Angeles Municipal Art Gallery (LAMAG), Los Angeles, EUA (2017)
 - *Cruzamentos: Contemporary Art in Brazil*, Wexner Center for the Arts, Columbus, EUA (2014)
 - 11ª Sharjah Biennial, Sharjah, Emirados Árabes (2013)
 - 11ª Bienal de Lyon, França (2011)
 - 8ª Bienal do Mercosul, Brasil (2011)
 - Aichi Triennale, Nagoya, Japão (2010)
 - *When Lives Become Form*, Yerba Buena Center For Arts, San Francisco, USA (2009); Contemporary Art Museum, Tokyo, Japão (2008)
 - 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006)
 - 8ª Bienal de Istambul, Turquia (2003)

- coleções selecionadas**
- J. Paul Getty Museum, Malibu, EUA
 - Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
 - Musée d’Art Contemporain de Lyon, Lyon, França
 - Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
 - Museum of Contemporary Art San Diego, San Diego, EUA
 - Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

antonio dias

n. 1944, Campina Grande, Brasil

m. 2018, Rio de Janeiro, Brasil

Antonio Dias iniciou sua carreira na década de 1960, produzindo obras marcadas pelo conteúdo de crítica política na forma de pinturas, desenhos e assemblages típicas do Neofigurativismo e da Pop Art brasileiros, o que lhe rendeu o rótulo de representante da Nova Figuração brasileira. No entanto, sua prática dialoga também com o legado do movimento concretista e com impulso revolucionário da Tropicália. A partir de 1966, ao se autoexilar em Paris, após críticas sutis à ditadura militar brasileira, o artista entrou em contato com nomes do movimento de vanguarda italiano ‘Arte Povera’, entre eles Luciano Fabro e Giulio Paolini. Nesse contexto europeu, voltou-se cada vez mais para a abstração, transformando seu estilo.

Em seguida, Dias partiu para a Itália e adotou uma abordagem conceitual, criando pinturas, vídeos, filmes, registros e livros de artista, utilizando cada uma dessas mídias para questionar o sentido da arte. Ao abordar o erotismo, o sexo e a opressão política de forma lúdica e subversiva, construiu uma obra ímpar e conceitual, dotada de sofisticação formal e permeada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte. Na década de 1980, voltou novamente sua atenção à pintura, realizando experimentos com pigmentos metálicos e minerais – como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite – misturados a aglutinantes diversos. A maioria de suas obras desse período apresenta brilho metálico e contém grande variedade de símbolos – ossos, cruzes, retângulos, falos –, que remetem às suas primeiras produções.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Search for an Open Enigma*, Sharjah Art Foundation, Sharjah, EAU (2024)
- *Antonio Dias: Derrotas e vitórias*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2021)
- *Antonio Dias: Ta Tze Bao*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Antonio Dias: O ilusionista*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Una collezione*, Fondazione Marconi, Milão, Itália (2017)
- *Antonio Dias – Potência da pintura*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

This Must Be the Place: Latin American Artists in New York, 1965–1975, Americas Society, Nova York, EUA (2021)

-
- *Pop América, 1965–1975*, Mary & Leigh Block Museum at Northwestern University, Evanston (2019); Nasher Museum of Art at Duke University, Durham (2019); McNay Art Museum, San Antonio (2018), EUA
 - *Invenção de origem*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2018)
 - 34ª e 33ª Bienal de São Paulo, Brasil (2018)
 - *Mario Pedrosa – On the Affective Nature of Form*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2017)

coleções selecionadas

- Daros Latinamerica Collection, Zurique, Suíça
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

marcos chaves

n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Apesar de ter iniciado sua carreira na primeira metade dos anos 1980 (quando a pintura ocupava lugar central na prática artística), é na utilização de diversas mídias que Marcos Chaves encontra uma das marcas de sua obra, que transita livremente entre a produção de fotografias, instalações, vídeos, palavras e sons. Essa variedade realiza-se em consonância com seu trabalho profundamente crítico e que, não obstante a coerência, permanece aberto a interpretações, especialmente em função da marcada presença de humor e ironia.

Em sua obra, é frequente a apropriação de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que evidenciam, de maneira direta, ou a partir de pequenas intervenções, o caráter extraordinário que pode habitar no prosaico. Sua produção se insere, de maneira renovada, na longa tradição de artistas que tensionam a relação entre imagem e linguagem ao propor, por exemplo, títulos sutilmente ambíguos e divertidos, que conduzem a uma reflexão bem-humorada sobre a sociedade e a cultura.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Marcos Chaves: as imagens que nos contam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Marcos Chaves no MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Eu só vendo a vista*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Marcos Chaves – ARBOLABOR*, Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha (2015)
- *Logradouro*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Histórias Brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Utopias e distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2022)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Inside the Collection – Approaching Thirty Years of the Centro Pecci*

- (1988–2018)*, Centro per l’Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- 17ª Bienal de Cerveira, Portugal (2013)
- 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011)
- Manifesta 7, Bolzano, Itália (2007)
- *All About Laughter – Humour in Contemporary Art*, Mori Art Museum, Tóquio (2006)
- 1ª e 4ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2005)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- Centro per l’Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália
- Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha
- Ella Fontanals-Cisneros Collection, Miami, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

cristina canale

n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha em Berlim, Alemanha

Cristina Canale surgiu no circuito de arte ao participar da emblemática coletiva *Como vai você, Geração 80?*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), no Rio de Janeiro, em 1984. Como no caso de muitos de seus colegas da chamada “Geração 80”, sua produção inicial está em consonância com o processo de retomada da pintura no contexto internacional, influenciado pela tendência do neoexpressionismo alemão. Carregadas de elementos visuais e volume de tinta, suas primeiras pinturas apresentam um caráter matérico, distinguindo-se pelo uso intuitivo de cores contrastantes e vivas que é notável em suas obras até hoje. No começo da década de 1990, Canale mudou-se para Düsseldorf, na Alemanha, onde estudou sob orientação do artista conceitual holandês Jan Dibbets. Suas composições passaram a investigar a espacialidade, a partir da sugestão de planos e profundidades e da maior fluidez no uso das cores, características que marcaram sua produção nesse período.

Geralmente baseadas em cenas prosaicas do cotidiano, muitas vezes extraídas da fotografia publicitária, suas obras resultam de um elaborado trabalho de composição e se destacam por transitar entre a figuração que se esvai na abstração, por um lado, e a abstração que evoca uma figuração, por outro. Para o curador e crítico de arte Tiago Mesquita, a produção de Canale contrapõe-se à busca por estruturas de constituição da imagem conforme praticado por artistas como Gerhardt Richter e Robert Ryman, uma vez que aborda “a imagem e os gêneros consagrados da pintura de forma subjetiva, acreditando em uma experiência singular”.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Cristina Canale - dar forma ao mundo*, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *A Casa e o Sopro*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2024)
- *The Encounter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Cabeças/falantes*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- *Cristina Canale: Zwischen den Welten*, Kunstforum Markert Gruppe, Hamburgo, Alemanha (2015)
- *Entremundos*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- *Espelho e memória – Spiegel und Erinnerung*, Galerie Atelier III, Barmstedt, Alemanha (2014)
- *Arredores e rastros*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2010)

exposições coletivas selecionadas

- *Fullgás: Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil*, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Co/respondencias: Brasil e exterior*, Nara Roesler, New York, USA (2023)
- *Ateliê de gravura: da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)

- *Mulheres na Coleção MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *MACS Fora de casa – Poéticas do feminino*, Sesc Sorocaba, Sorocaba, Brasil (2018)
- *Alucinações à beira mar*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Land der Zukunft*, Lichthof – Auswärtiges Amt, Berlim, Alemanha (2013)

coleções selecionadas

- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Museum No Hero, Delden, Países Baixos
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Hall Art Foundation, Reading, EUA
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista

fabio miguez

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

A pesquisa pictórica de Fábio Miguez é voltada para a espacialidade e a materialidade. Assim como os demais membros fundadores do ateliê Casa 7, Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, Miguez, na década de 1980, era influenciado pela pintura neoexpressionista alemã. No período, seus trabalhos são marcados pelo acúmulo de matéria e pelas tonalidades escuras em composições que remetem à paisagens. Durante os anos 1990, começou a produzir, simultaneamente a seu trabalho pictórico, a série de foto *Derivas*, que foram publicadas no livro *Paisagem zero* (2013). Sua pesquisa passa a se debruçar sobre a luz, em composições abstratas, em que a gestualidade expressiva vai dando espaço à uma geometria frouxa, e as cores claras e transparentes ganham protagonismo.

Nos anos 2000, Miguez investiga a pintura no campo tridimensional, criando instalações com a sobreposição intervalada de placas de vidro pintadas, assim como suas valises que comportam objetos que permitem a interação do espectador, recombinando os diversos elementos ali presentes. Sua formação em arquitetura traz uma influência construtiva, que se manifesta em trabalhos da época em que o espaço vai ganhando contornos cada vez mais definidos. Desde 2010, Miguez se dedica à série *Atalhos*, em que se apropria de fragmentos e detalhes de pinturas de grandes mestres, reelaborando-as em pinturas de pequenas dimensões, empregando repetições e operações de inversão e espelhamento. Um desdobramento desse conjunto são as pinturas da série *Volpi*, na qual o artista se apropria de um fragmento de uma fachada do pintor itálo-brasileiro, reelaborando-a em grandes pinturas.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Alvenarias*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Fragmentos do real (atalhos)* – *Fábio Miguez*, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2018)
- *Horizonte, deserto, tecido, cimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro (2016); Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)
- *Paisagem zero*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2012)
- *Temas e variações*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2008)
- *Fábio Miguez*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2003)

exposições coletivas selecionadas

- *Co/respondências: Brasil e exterior*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Alfredo Volpi & Fábio Miguez: Alvenarias*, Gladstone 64, Nova York, EUA (2023)
- *Coleções no MuBE: Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções*

- e geometrias*, Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2019)
- *Oito décadas de abstração informal*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2018)
- *Casa 7*, Pivô, São Paulo, Brasil (2015)
- 5ª Bienal do Mercosul, Brasil (2005)
- 2ª Bienal de Havana, Cuba (1986)
- 18ª e 20ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985 e 1989)

coleções selecionadas

- Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil
- Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

sérgio sister
n. 1948, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Sérgio Sister iniciou sua produção no final da década de 1960, período em que atuou como jornalista e se aproximou da militância política de resistência ao regime militar brasileiro (1964–1985). Em 1970, Sister foi preso pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops-SP) e, durante dezenove meses, esteve encarcerado no Presídio Tiradentes, em São Paulo, participando de oficinas de pintura realizadas na instituição. Como parte da geração 80, ele revisita uma antiga temática pictórica: a interação entre superfície e tridimensionalidade, na tentativa de liberar a pintura no espaço. O que marcou sua produção da época é a superposição de camadas cromáticas, resultando em campos de cor autônomos que coexistem harmoniosamente.

Hoje, seu trabalho combina pintura e escultura. Ele utiliza suportes derivados de estruturas encontradas e de sistemas designados a servir a nossas necessidades cotidianas, como observado nas séries *Ripas*, produzida desde o final dos anos 1990, e *Caixas*, desde 1996, cujos nomes referem-se aos produtos manufaturados dos quais derivam. São pinturas escultóricas feitas a partir de vigas de madeira encontradas, lembrando engradados, pórticos ou caixilhos de janelas. Sister pinta as vigas de madeira em várias cores e as dispõe em configurações que fazem surgir variadas profundidades, sombras e experiências de cor.

[clique para ver cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Pintura entre frestas e cavidades*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Pintura e vínculo*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Then and Now*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sérgio Sister: O sorriso da cor e outros engenhos*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Sérgio Sister*, Kupfer Gallery, Londres, Reino Unido (2017)
- *Sergio Sister: Malen Mit Raum*, Schatten und Luft, Galerie Lange + Pult, Zurique, Suíça (2016)
- *Expanded Fields*, Nymphe Projekte, Berlim, Alemanha (2016)
- *Ordem desunida*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Co/respondências: Brasil e exterior*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Entre tanto*, Casa de Cultura do Parque, São Paulo, Brasil (2020)

-
- *A linha como direção*, Pina Estação, São Paulo, Brasil (2019)
 - *The Pencil is a Key: Art by Incarcerated Artists*, Drawing Center, Nova York, EUA (2019)
 - *Géométries Américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l’Art Contemporain, Paris, França (2018)
 - *AI-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
 - *MAC USP no século XXI – A era dos artistas*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
 - 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- François Pinault Collection, Veneza, Itália
- Fundación/Colección Jumex, Cidade do México, México
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

heinz mack

n. 1931, Lollar, Alemanha

vive e trabalha entre Mönchengladbach, Alemanha e Ibiza, Espanha

Ao longo da sua carreira, Heinz Mack tem desenvolvido uma prática ancorada nas investigações sobre a luz, a temporalidade e o movimento. Sua abordagem original pode ser vista em instalações, esculturas e trabalhos em papel. Mack iniciou sua carreira na década de 1950, quando fundou, ao lado de Otto Piene, o Grupo ZERO (1957–1966), ao qual mais tarde viria a se juntar Gunther Uecker, em 1961. O objetivo do coletivo estava em criar um espaço desprovido de estruturas prévias, um lugar silencioso no qual poderiam se originar novas possibilidades. Mack também manteve contato próximo com Yves Klein, com quem desenvolveu uma grande amizade que os levariam a colaborar em inúmeras ocasiões, e que seria responsável por lhe apresentar a Jean Tinguely, revelando um universo de experimentações que informaram sua própria busca pela pureza estética, pelo essencial. O próprio artista sintetiza: “O objetivo é alcançar a clareza pura, grandiosa e objetiva, livre da expressão romântica e arbitrariamente individual. Em meu trabalho eu exploro e busco fenômenos estruturais, cuja lógica estrita eu interrompo ou amplio por meio de intervenções aleatórias, ou seja, de eventos fortuitos.”

[clique para ver o cv completo](#)

-
- exposições individuais selecionadas**

- *The light in Me*, Osthaus Museum, Hagen, Alemanha (2023)
 - *Vibration of Light*, Biblioteca Nazionale Marciana, Veneza, Itália (2022)
 - *Paragold*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
 - *Taten Des Lichts: Mack & Goethe*, Goethe-Museum, Düsseldorf, Alemanha (2018)
 - *Heinz Mack – From Time to Time. Painting and Sculpture*, 1994–2016, Palais SchönbornBatthyány, Viena, Áustria (2016)
 - *Mack – Just Light and Color*, Sakip Sabanci Museum, Istambul, Turquia (2016)
 - *Heinz Mack – The light of my colors*, Museum Ulm, Ulm, Alemanha (2015)
 - *Mack – The Language of My Hand*, Museum Kunstpalast, Düsseldorf, Alemanha (2011)
 - *Heinz Mack – Licht der ZERO-Zeit*, Ludwig Museum im Deutschherrenhaus, Koblenz, Alemanha (2009)

-
- exposições coletivas selecionadas**

- *Parallel inventions: Julio Le Parc, Heinz Mack, Nara Roesler*, Nova York, EUA (2023)
 - *The Sky as Studio – Yves Klein and his contemporaries*, Pompidou Metz, Metz, França (2021)*New Beginnings: Between*

-
- Gesture and Geometry*, Georgem Economou Collection, Atenas, Grécia (2016)

- *Facing the Future. Art in Europe, 1945–1968*, Palais des Beaux Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
 - *ZERO: Let Us Explore the Stars*, Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda (2015)
 - *ZERO: Countdown to Tomorrow, 1950s–60s*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2015)
 - *The Sky Over Nine Columns*, Bienal de Veneza, Itália (2014)
 - 35th Venice Biennale, Itália (1970)
 - *Documenta II* (1959) and *Documenta III* (1966), Kassel, Alemanha

-
- coleções selecionadas**

- Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, EUA
 - Centre Georges Pompidou, Paris, França
 - Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC, EUA
 - Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
 - Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
 - Tate, Londres, Reino Unido

artur lescher

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

O paulistano Artur Lescher destaca-se no atual panorama da arte contemporânea brasileira por suas obras tridimensionais. Há mais de trinta anos, ele apresenta um sólido trabalho, resultado de uma pesquisa em torno da articulação entre matéria, forma e pensamento. São trabalhos que excedem o caráter de escultura e cruzam as linguagens da instalação e do objeto, a fim de modificar a compreensão destas e do espaço em que se inserem. Ao mesmo tempo que sua prática está atrelada a processos industriais, sua produção não tem por único fim a forma. Ao escolher nomear obras como *Rio Máquina*, *Metamérico* ou *Inabsência*, Lescher sugere narrativas, por vezes contraditórias ou provocativas, que abrem espaço para o mito e a imaginação.

Lescher obteve reconhecimento no âmbito nacional a partir de sua participação na 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, onde apresentou *Aerólitos*, obra que consiste no diálogo estabelecido entre dois balões de ar quente, cada um com onze metros de comprimento. Um deles se habitava o interior do pavilhão da mostra, e o outro, a área externa. Ao justapor sólidas estruturas geométricas e materiais resistentes como metal, pedra, madeira, latão e cobre a outros que guardam características de impermanência ou inconstância, como água, azeite e sal, Lescher enfatiza a imponderabilidade, ou “a inquietude”, como observou o crítico e curador Agnaldo Farias em relação a “suas peças, contrariando suas aparências exatas e limpas, passa-nos uma sensação de inquietude, como se nós, espectadores, estivéssemos na iminência de assistir a irrupção de algo, (...), que pode desembocar na violência, no atracamento de materiais, na deformação de um corpo, rastros de uma ação já encerrada.”

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Artur Lescher*, Instituto Artium, São Paulo, Brasil (2023)
- *Observatório*, Farol Santander, Porto Alegre, Brasil (2022)
- *Artur Lescher: Suspensão*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2019)
- *Asterismos*, Almine Rech Gallery, Paris, França (2019)
- *Porticus*, Palais d’Iéna, Paris, França (2017)
- *Inner Landscape*, Piero Atchugarry Gallery, Pueblo Garzón, Uruguai (2016)

exposições coletivas selecionadas

- 3rd Forever is Now, Pirâmide de Gizé, Egito (2023)
- Form Follows Energy, Lago / Algo, Cidade do México, México (2022)
- Tension and Dynamism Atchugarry Art Center, Miami, EUA (2018)
- Mundos transversales – Colección permanente de la Fundación Pablo

-
- Atchugarry, Fundación Pablo Atchugarry, Maldonado, Uruguai (2017)
 - Everything You Are I Am Not: Latin American Contemporary Art from the Tiroche DeLeon Collection, Mana Contemporary, Jersey, EUA (2016)
 - El círculo caminaba tranquilo, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires (MAMBA), Buenos Aires, Argentina (2014)
 - The Circle Walked Casually, Deutsche Bank KunstHalle, Berlim, Alemanha (2013)

coleções selecionadas

- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Philadelphia Museum of Art, Filadélfia, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

JR

n. 1983, Paris, França
vive e trabalha entre Paris, França e Nova York, EUA

Após encontrar uma câmera fotográfica no metrô de Paris, em 2001, JR decidiu viajar pela Europa para conhecer aqueles indivíduos que se expressavam em muros e fachadas de prédios, fazendo seus retratos e os expondo nas ruas. Graças às suas grandes intervenções em espaços públicos, ele torna visível fenômenos e pessoas que costumamos ignorar. Os retratos que cria trazem expressões questionadoras, penetrantes, observadoras e solenes, que chamam nossa atenção e permanecem na nossa consciência por muito tempo após terem sido vistas. JR concebeu e realizou filmes, instalações, intervenções e trabalhos em diferentes linguagens, colaborando, muitas vezes, com o New York City Ballet, OSGEMEOS, Agnès Varda, Robert De Niro, e muitos outros artistas.

Ao desenvolver seus projetos, JR se esforça para envolver as populações locais na realização de suas proposições. O artista chama a atenção do público, para além dos visitantes típicos de museus, ao espalhar seus trabalhos nos edifícios de Paris, nas paredes do Oriente Médio, nas pontes quebradas da África ou nas favelas do Brasil. Em cada um de seus projetos, ele atua como testemunha de uma comunidade em que os habitantes não apenas veem os trabalhos, mas também os fazem. Mulheres idosas tornam-se modelos por um dia e crianças transformam-se em artistas por uma semana. A prática de JR não separa atores de espectadores e promove o encontro entre o sujeito/protagonista e o transeunte/intérprete, levantando questões, criando vínculos sociais, reunindo comunidades e conscientizando pessoas.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *O papel da mão*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *JR: Chronicles*, Lotte Museum of Art, Seul, Coréia do Sul (2023)
- *JR: Chronicles*, Kunsthalle, Munique, Alemanha (2022)
- *JR: Chronicles*, Saatchi Gallery, Londres, Reino Unido (2021)
- *JR: Chronicles*, Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2019)
- *Momentum. La Mécanique de l’Épreuve*, Maison Européenne de la Photographie, Paris, França (2018)
- *Chroniques de Clichy-Montfermeil*, Palais de Tokyo, Paris, França (2017)
- *Kikito*, fronteira México-EUA (2017)
- *JR at the Louvre*, Musée du Louvre, Paris, França (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Forever is Now*, Pirâmides de Gizé, Gizé, Egito (2021)

-
- *JR, Adrian Piper, Ray Johnson*, Museum Frieder Burda, Berlim, Alemanha (2019)
 - *Refuge*, 21c Museum, Bentonville, EUA (2019)
 - *Post No Bills: Public Walls as Studio and Source*, Neuberger Museum of Art, Purchase, EUA (2016)
 - *Tu dois changer ta vie*, Tripostal, Lille, França (2015)

coleções selecionadas

- Brooklyn Museum, Brooklyn, EUA
- Château La Coste, Aix-en-Provence, França
- Hong Kong Contemporary Art Foundation, Hong Kong
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Palais de Tokyo, Paris, França
- San Francisco Museum of Modern Art, San Francisco, EUA

de volta ao trabalho da artista ↑

amelia toledo
n. 1926, São Paulo, Brasil
m. 2017, Cotia, Brasil

Amelia Toledo iniciou seus estudos em arte no final dos anos 1930, quando frequentou o Ateliê de Anita Malfatti. Na década seguinte, estudou com Yoshiya Takaoka e Waldemar da Costa. Em 1948 atuou com desenho de projetos no escritório do arquiteto Vilanova Artigas. Esse contato com figuras chave da arte moderna brasileira, assim como sua experiência no laboratório de anatomia patológica de seu pai, possibilitaram o desenvolvimento de um trabalho multifacetado que faz uso de diversas linguagens como escultura, pintura e gravura. Essa produção floresceu, ainda, no convívio com outros artistas de sua geração, tais como Mira Schendel, Tomie Ohtake, Hélio Oiticica e Lygia Pape.

A diversidade de meios de Amelia Toledo é reveladora de um espírito voltado para uma investigação expandida das possibilidades artísticas. A partir dos anos 1970 a produção da artista ultrapassa a gramática construtiva, que fazia uso de elementos geométricos regulares e curvas, e passa a se debruçar sobre formas da natureza. Toledo começa a colecionar materiais como conchas e pedras, e a paisagem passa a se tornar um tema fundamental de sua prática. Já a pintura da artista possui inclinações monocromáticas, revelando seu interesse pela pesquisa com a cor.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Amelia Toledo: Paisagem cromática*, Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (mube), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: Paisagem cromática*, Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: 1958-2007*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Amelia Toledo – Lembrei que esqueci*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Amelia Toledo*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2009)
- *Novo olhar*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2007)
- *Viagem ao coração da matéria*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Constelação Clarice*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Radical Women: Latin American Art, 1960–1985*, Hammer Museum,

- Los Angeles, EUA (2017); Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2018); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 0ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *Um ponto de ironia*, Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, Brasil (2011)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)
- *Brasileana MASP: Moderna contemporânea*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2006)

coleções selecionadas

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

berna reale

n. 1965, Belém do Pará, Brasil, onde vive e trabalha

Berna Reale é uma das artistas mais importantes no cenário brasileiro atual, sendo reconhecida como uma das principais expoentes da prática de performance no país. Reale iniciou sua carreira artística no começo da década de 1990. Seu primeiro trabalho de grande impacto, *Cerne* (25º Salão Arte Pará, 2006), intervenção fotográfica realizada no Mercado de Carne do Complexo do Ver-o-Peso, conduziu a artista ao Centro de Perícias Renato Chaves, onde passou a trabalhar como perita a partir de 2010.

Desde então, Reale tem explorado seu próprio corpo como elemento central da produção de suas performances, fotografias e vídeos. Seus trabalhos, marcados pela abordagem crítica dos aspectos materiais e simbólicos da violência e dos processos de silenciamento presentes nas mais diversas instâncias da sociedade, investigam a importância das imagens na manutenção de imaginários e ações brutais. A potência de sua produção reside na contraposição entre o desejo de aproximação e o sentimento de repulsa, ressaltando a ironia que resulta da combinação entre o fascínio e a aversão da sociedade pela violência.

A fotografia, nesse contexto, desempenha um papel fundamental. Ela não é apenas o meio de registro de suas ações, capaz de perpetuá-las, mas um desdobramento de seu processo de criação.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Ruídos*, Centro Cultural Banco do Brasil, Brasília, Brasil (2024)
- *Agora*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Festa*, Viaduto das Artes, Belo Horizonte, Brasil (2019)
- *Deformation*, Bergkirche (2017)
- *Berna Reale – Über uns / About Us*, Kunsthaus, Wiesbaden, Alemanha (2017)
- *Berna Reale: Singing in the Rain*, Utah Museum of Contemporary Art (UMoCA), Salt Lake City, EUA (2016)
- *Vazio de nós*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- *Brasilidade Pós-Modernismo*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2022)
- 3rd Beijing Photo Biennial, China (2018)
- *Brasile. Il coltello nella carne*, Padiglione d’Arte Contemporanea Milano (PAC-

Milano), Milão, Itália (2018)

- *Video Art in Latin America*, Il Pacific Standard Time: LA/LA (II PST: LA/LA), LAXART, Hollywood, EUA (2017)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- *Artistas comprometidos? Talvez*, Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), Lisboa, Portugal (2014)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de Sao Paulo, Sao Paulo, Brasil
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Kunsthaus Wiesbaden, Wiesbaden, Alemanha
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

carlos bunga
n. 1975, Porto, Portugal
vive e trabalha em Barcelona, Espanha

Carlos Bunga cria obras de componente processual em vários formatos: esculturas, pinturas, desenhos, performances, vídeo e sobretudo instalações *in situ*, que se relacionam e intervêm no espaço arquitetônico em que se inserem.

Embora utilize frequentemente materiais comuns e despretensiosos, como papelão e fita adesiva, seu trabalho envolve um grau altamente desenvolvido de cuidado estético e delicadeza, bem como uma complexidade conceitual derivada da inter-relação entre o fazer, o desfazer e o refazer, entre o micro e o macro e entre a investigação e a conclusão. Situando-se na fronteira entre a escultura e a pintura, suas obras, enganadoramente delicadas e frágeis, caracterizam-se por um intenso estudo da combinação da cor e da materialidade, ao mesmo tempo que enfatizam o aspecto performático do ato criativo.

As obras sobre papel de Bunga, intimamente relacionadas com as suas esculturas e instalações, envolvem frequentemente sobreposições, quer de elementos compositivos nas pinturas, quer de folhas de papel translúcidas nos desenhos. O resultado analítico/descritivo, como uma dupla exposição fotográfica, mimetiza a dupla experiência da memória e da imaginação subjacente à escultura.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Habitar Juntos*, Nara Roesler São Paulo, São Paulo, Brasil (2024)
- *Carlos Bunga: Performing Nature*, Centre d’Art Bomba Gens, Valencia, Espanha (2024)
- *Reassembling Spilt Light: An Immersive Installation*. Sarasota Art Museum, Sarasota, EUA (2023)
- *Against the extravagance of desire*, Palácio de Cristal, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid, Espanha (2022)
- *Something Necessary and Useful*, Whitechapel, Londres, Reino Unido (2020)
- *Carlos Bunga, Architecture of Life*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT),Lisboa, Portugal (2020)
- *Capella, La Capella dels Àngels*, Museu d’Art Contemporani de Barcelona (MACBA), Barcelona, Espanha (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Manifesta 15*, Barcelona, Espanha (2024)
- *Coreografias do impossível*. 35ª Bienal de

- São Paulo, Brasil (2023)
- *Meia Noite*, Bienal de Coimbra, Coimbra, Portugal (2021)
 - *Gigantisme*, Pôle d’Art Contemporain de Dunkerque, Dunkerque, França (2019)
 - *Quote/Unquote*. Entre apropriação e diálogo, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2017)
 - *The State of the Art of Architecture*, Bienal de Arquitetura de Chicago, Chicago, EUA (2015)

coleções selecionadas

- Fundação Serralves, Porto, Portugal
- Hammer Museum, Los Angeles, EUA
- Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Museu d’Art Contemporani de Barcelona (MACBA), Barcelona, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Detroit, EUA
- Coleção Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Pérez Art Museum, Miami, EUA
- The Museum of Modern Art MoMA, Nova York, EUA

de volta ao trabalho do artista ↑

marcelo silveira
n. 1962, Gravatá, Brasil
vive e trabalha em Recife, Brasil

A prática de Marcelo Silveira parece questionar categorias pré-estabelecidas, ao desafiar e tensionar definições aparentemente consolidadas de escultura, instalação e colecionismo. Sua produção move-se a partir do interesse pela materialidade. Tudo pode ser objeto de trabalho: madeira, couro, papel, metal, plástico e vidro são apenas alguns dos elementos explorados. Contudo, também é fundamental a configuração por eles assumida, que pode ser criada a partir do repertório formal comum àqueles objetos – garrafas e copos de vidro, por exemplo – ou pela recriação de formas familiares e comuns em matérias inesperadas – como Silveira faz com a madeira, por exemplo.

O colecionismo, de fato, constitui estratégia privilegiada do artista, ao lado do constante jogo entre apropriação e produção. Essas operações aparecem em seu trabalho de diversos modos, seja pelo acúmulo de artefatos encontrados no mundo – como cartões postais, réguas de desenho, vidros de perfume etc. –, em objetos que remetem a utensílios domésticos, mas desprovidos de qualquer utilidade, ou até pela apresentação dos trabalhos sob a forma de conjuntos, em que cada fragmento se integra àquela totalidade, ressignificando-a. Nesse sentido, a organização é fundamental na prática de Silveira, não só como estratégia expositiva, mas também para conferir novo sentido a esses objetos, que possuem a potência de despertar memórias afetivas.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Hotel solidão*, Nara Roesler, Nova York, Brasil (2022)
- *Compacto com pacto*, Sesc Triunfo, Triunfo, Brasil (2019)
- *Com texto, obras por Marcelo Silveira*, Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba (MACS), Sorocaba, Brasil (2018)
- *Censor, Museu da Imagem e do Som* (MIS), São Paulo, Brasil (2016)
- *1 Dedo de Prosa*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Língua solta*, Museu da Língua Portuguesa, São Paulo, Brasil (2021)
- *35º Panorama da Arte Brasileira*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2017)

-
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
 - *10ª Bienal do Mercosul*, Porto Alegre, Brasil (2015)
 - *Travessias*, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil (2013)
 - *29ª Bienal de São Paulo*, São Paulo, Brasil (2010)
 - *4ª Bienal de Valência*, Espanha (2007)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

cássio vasconcellos
n. 1965, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Cássio Vasconcellos iniciou sua carreira de fotógrafo no começo dos anos 1980. Apesar de ter vasta experiência como fotojornalista, sua produção artística se destaca pela criação de espaços imaginários e de ficções a partir de elementos da realidade. Seu trabalho ultrapassa os métodos tradicionais da fotografia documental, criando uma linguagem experimental voltada à crítica da sociedade contemporânea. A predileção pela fotografia aérea auxilia na criação de imagens impactantes, que jogam, a partir da escala, com a nossa percepção do mundo. Vasconcellos publicou diversos livros reunindo essa produção, como *Brasil visto do céu* (Editora Brasileira, 2017), *Panorâmicas* (DBA, 2012) e *Noturnos São Paulo* (2002), entre outros.

Nas suas fotos, podemos nos encontrar diante do excesso de produtos disseminados no nosso cotidiano, assim como da regularidade das formas arquitetônicas que parece se expandir infinitamente, figurações que aparecem como emblemas de nossa cultura. Ou nos deparamos com a exuberância incomensurável da natureza, traduzida em paisagens, tal como na série *Viagem pitoresca pelo Brasil* (2015), em que o artista se baseia e se inscreve na longa tradição de artistas que buscaram capturar o interior de nossas florestas. Percebe-se, então, que subjaz algo de sublime ao trabalho de Vasconcellos, tendo em vista que suas fotografias nos colocam em contato com aquilo que é demasiadamente vasto.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Viagem Pitoresca pelo Brasil*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2024)
- *Dríades e faunos*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2020)
- *Collectives*, St Georges’s Gate (Castle of Ioannina), Photometria Festival, Ioannina, Grécia (2019)
- *Viagem pitoresca pelo Brasil*, Pequena Galeria 18, São Paulo, Brasil (2015)
- *Aéreas do Brasil*, Paço das Artes, São Paulo, Brasil (2014)
- *Coletivos*, Today Art Museum (TAM), Pequim; Art + Shanghai Gallery, Xangai, China (2013)

exposições coletivas selecionadas

- Festival La Gacilly-Baden Photo, Baden, Áustria (2024)
- 13ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2022)

-
- *Trees*, Fondation Cartier pour l’art contemporain, Paris, França (2019)
 - *Civilization: The Way We Live Now*, National Museum of Modern and Contemporary Art (MMCA), Seul, Coréia do Sul (2018)
 - *Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art of São Paulo*, Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
 - *Aquí nos vemos – Fotografía en América Latina 2000–2015*, Centro Cultural Kirchner, Buenos Aires, Argentina (2015)

coleções selecionadas

- Bibliothèque Nationale, Paris, França
- Museo Nacional de Bellas Artes, Buenos Aires, Argentina
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA

de volta ao trabalho do artista ↑

brígida baltar

n. 1959, Rio de Janeiro, Brasil

m. 2022, Rio de Janeiro, Brasil

O trabalho de Brígida Baltar transita entre as linguagens do vídeo, da performance, da instalação, do desenho e da escultura. A artista começou a desenvolver sua obra na década de 1990, por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê, localizada em Botafogo, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Durante quase dez anos, Baltar colecionou os materiais da vida doméstica, como a água que escorria de goteiras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes. As ações caseiras, em seguida, expandiram-se para o ambiente exterior, originando obras como a série *Coletas*, em que ela busca capturar o orvalho e a maresia, dedicando-se à tarefa impossível de captar o intangível. Por outro lado, da poeira de tijolos resultaram, ainda, desenhos de montanhas e florestas cariocas feitos em papel ou diretamente sobre as paredes, entrelaçando seu trabalho passado com o atual, tornando-os mais do que meras descrições das elevações do terreno e das florestas.

Muitas vezes, a artista encontrou na fabulação um método de trabalho, aproximando e incorporando o humano e o animal, redefinindo nossa relação com o universo natural em trabalhos como *Maria Farinha*, *Casa de Abelha* e *Voar*. A relação entre corpo e abrigo, uma das tônicas de seu trabalho, é explicitada na série de esculturas em cerâmica dissolvidas pela artista, em que as formas de conchas do mar fundem-se com aquelas do corpo humano. No final de sua vida, a artista se debruçou sobre o bordado, produzindo trabalhos que se relacionam com seu corpo e, em especial, sua pele, reafirmando sua habilidade de abordar conceitos filosóficos e sensações a partir de sua própria experiência pessoal.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Brígida Baltar: Pontuações*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Brígida Baltar (1959-2022): To Make the World a Shelter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Brigida Baltar: Filmes*, Espaço Cultural BNDES, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *A carne do mar*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- SAM Art Project, Paris, França (2012)
- *O amor do pássaro rebelde*, Cavaliariças, Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Brigida Baltar – Passagem Secreta*, Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *Fullgás - Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Terra abrecaminhos*, Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil (2023)
- *Meu corpo: Território de disputa*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)

- *A dobra no horizonte*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- 12ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2020)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *I Remember Earth*, Magasin des horizons, Centre d’arts et de Cultures, Grenoble, França (2019)
- *Neither-nor: Abstract Landscapes, Portraits and Still Lives*, Terra-Art Project, Londres, Reino Unido (2017)
- *Constructing Views: Experimental Film and Video from Brazil*, New Museum, Nova York, EUA (2010)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Contemporary Art of Cleveland (MOCA), Cleveland, EUA

de volta ao trabalho da artista ↑

raul mourão
n. 1967, Rio de Janeiro, Brasil
vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Nova York, EUA

Expoente de uma geração que marcou o cenário carioca dos anos 1990, é reconhecido por sua produção multimídia, composta por desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, vídeos, esculturas, instalações e performances, na qual se destaca seu olhar sempre permeado pelo senso de humor crítico sobre o espaço urbano. Inspirado pela paisagem metropolitana (inicialmente a carioca), o artista cria a partir de observações do cotidiano, desenvolvendo propostas que transitam entre o documental e a ficção. Suas obras, constituídas por materiais diversos que ressignificam os elementos visuais da cidade, estimulam reflexões sobre o espaço e o corpo social.

Mourão iniciou sua produção artística na segunda metade da década de 1980, participando de exposições a partir de 1991. Realizou em 1989 os primeiros registros fotográficos sobre grades de proteção, segurança e isolamento presentes nas ruas do Rio de Janeiro, o que resultou em sua conhecida série *Grades*. A partir dos anos 2000, a pesquisa foi desdobrada e resultou em esculturas, vídeos e instalações. Desde 2010, Mourão expandiu as referências para outras estruturas modulares de formas geométricas próprias do contexto urbano, realizando esculturas e instalações cinéticas de caráter interativo, que podem ser acionadas pelo público. Entre outros aspectos, o artista estabelece por meio dessas obras uma associação entre a problemática da violência urbana implícita nas obras anteriores e a preocupação formalista com o equilíbrio estrutural.

[clique para ver cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Cage Head*, America’s Society, Nova York, EUA (2023)
- *Lugar Geométrico*, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Viva Rebel*, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Fora/Dentro*, Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Você está aqui*, Museu Brasileiro de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2016)
- *Please Touch*, Bronx Museum, Nova York, EUA (2015)
- *Tração animal*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Toque devagar*, Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil (2012)

exposições coletivas selecionadas

- *Utopias e distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2022)

-
- Coleções no MuBE: *Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções e geometrias*, Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2019)
 - *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
 - *Mana Seven*, Mana Contemporary, Miami, EUA (2016)
 - Bienal de Vancouver 2014–2016, Canadá (2014)

coleções selecionadas

- ASU Art Museum, Tempe, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

manoela medeiros

n. 1991, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Paris, França

Em seu trabalho Manoela Medeiros interroga os meios artísticos além de seus formatos convencionais, onde pinturas e instalações *in situ* servem para explorar as relações entre espaço, tempo e a corporeidade da arte e do espectador. Em uma perspectiva híbrida do pictórico, Medeiros articula uma abordagem da pintura que ultrapassa a especificidade de seu próprio meio, utilizando recursos da escultura, da performance e da instalação.

Intervindo muitas vezes de maneira direta nos espaços expositivos, sua obra sobrepõe as temporalidades da própria prática artística e do ambiente construído no qual se insere. Medeiros concebe a obra a partir de detalhes do lugar, sejam eles materiais, elementos estruturais ou até mesmo sua relação com a iluminação, natural e artificial. Sua prática introduz no espaço uma organicidade ao expor suas entranhas, ou estruturas, fazendo da arquitetura não apenas uma estrutura, mas um corpo.

A prática de Medeiros comporta procedimentos arqueológicos, tornando visível aquilo que muitas vezes subjaz, assim como se nutre da ideia de ruína, um índice espacial da passagem do tempo. Medeiros escava as superfícies, como as paredes do espaço expositivo, para trazer à tona suas sucessivas camadas, as diferentes cores e materiais que ali foram aplicados e que permaneciam esquecidas. Desse modo, a artista visa refundar nossa experiência temporal ao expor, simultaneamente, suas sucessivas camadas, cada qual portadora da memória do momento em que foi aplicada, deixando-as coexistir e interpenetrar-se. Medeiros opera entre a construção e a destruição, mostrando sua complementaridade, mais do que seu antagonismo

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- O carnaval da substância, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- Concerto a céu aberto, Kubik Gallery, Porto, Portugal (2020)
- L’être dissout dans le monde, Galerie Chloé Salgado, Paris, França (2019)
- Poeira varrida, Galeria Fortes D’Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2017)
- Falling Walls, Double V Gallery, Marselha, França (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Primer Aviso*, Space Julio, Paris, França (2024)
- *Ni Drame Ni Suspense*, Friche Belle de Mai,

Marselha, França (2023)

- *Afirmacão - Brésil, l’affirmation d’une generation*, La Galerie du Jour, Paris, França (2023)
- *Arqueologias no presente*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Recycler / Surcycler*, Fondation Villa Datris, L’Isle-sur-la-Sorgue, França (2020)
- *Reservoir*, 019, Ghent, Bélgica (2020)
- *Vivemos na melhor cidade da América do Sul*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2018)
- *Hall-statt*, Galeria Fortes D’Aloia e Gabriel, São Paulo, Brasil (2016)
- *In Between*, Galeria Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2016)
- *11º Abre Alas*, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, Brasil (2015)

de volta ao trabalho da artista ↑

elian almeida
n. 1994, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Elian Almeida tem como principal objeto de sua poética a produção de uma cultura visual ligada a ideia de negritude no Brasil, sobretudo por meio do campo pictórico. Com uma abordagem decolonial, recupera elementos do passado, imagens, narrativas e personagens – oficiais e extra oficiais –, de modo a contribuir para o fortalecimento e a divulgação da historiografia afro-brasileira.

Visando contornar a ausência de referências negras em nossa cultura visual, revisita diversos tipos de imagens, que vão desde pinturas históricas e gêneros consagrados, como o retrato, até aquelas presentes em nosso dia a dia, como capas de revistas e cenas do noticiário. Por meio de poderosas referências negras, individuais ou coletivas, ajuda a propor outras possibilidades de se estar no presente e de projetar futuros possíveis.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Pessoas que eram coisas que eram pessoas*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Antes – agora – o que há de vir*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)

exposições coletivas selecionadas

- *Encruzilhadas da arte afro-brasileira*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), São Paulo, Brasil (2023)
- *Brasil Futuro: as formas da democracia*, Museu Nacional da República, Brasília, Brasil (2023)
- *Quilombo: vida, problemas e aspiracoes do negro*, Inhotim, Minas Gerais, Brasil (2022)
- *Atos de revolta*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *Nova vanguarda carioca*, Cidade das Artes, Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *Crônicas cariocas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2021)

-
- *Enciclopédia negra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de Sao Paulo, Sao Paulo, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil

jaime lauriano
n. 1985, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Artista multimídia, Jaime Lauriano revisita os símbolos, imagens e mitos formadores do imaginário da sociedade brasileira por meio de vídeos, instalações, textos, pinturas e esculturas, tensionando marcadores sociais e narrativas históricas a partir de proposições críticas, seus trabalhos são capazes de revelar como as estruturas coloniais do passado reverberam na necropolítica contemporânea. Lauriano aborda as formas de violência cotidiana que perpassam a história brasileira desde sua invasão pelos portugueses, centrando-se, em indivíduos racializados. Nesse sentido, o artista se debruça sobre os traumas históricos de nossa cultura, compreendendo suas complexidades a partir do agenciamento de imagens e discursos provenientes das mais diversas fontes, sejam aquelas tidas como oficiais, como veículos de comunicação e propagandas de Estado; como as extra oficiais, como vídeos de linchamentos compartilhados pela internet.

Sua crítica se estende da macropolítica das esferas do poder oficial à micropolítica. Lauriano pensa o trauma não só em sua dimensão temporal, mas também espacial, valendo-se de formas de mapeamento a fim de questionar as disputas e construções territoriais coloniais. Outra dimensão de seu trabalho é a conexão com religiões ancestrais de matriz africana. O artista emprega signos e símbolos desses rituais, como a pomba branca, utilizada na feitura de seus mapas, compreendendo como a esfera religiosa foi fundamental para a resistência dos escravizados, servindo como espaço de manutenção de suas relações com o território ancestral.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Why don't you know about western remains?*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2024)
- *Aqui é o fim do mundo*, Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Paraíso da miragem*, Kubik Gallery, Porto, Portugal (2022)
- *Marcas*, Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Recife, Brasil (2018)
- *Brinquedo de furar moletom*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil (2018)
- *Nessa terra, em se plantando, tudo dá*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Impedimento*, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *Brasil Futuro: as formas da democracia*, Museu Nacional da República, Brasília, Brasil (2023)
- *El Dorado: Myths of Gold*, Americas Society, Nova York, EUA (2023)

- 37º Panorama da Arte Brasileira, São Paulo, Brasil (2022)
- *Social Fabric: Art and Activism in Contemporary Brazil*, Visual Arts Center, The University of Texas, Austin, EUA (2022)
- *Histórias brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Afro-Atlantic Histories*, National Gallery of Art, Washington DC, EUA (2022); Museum of Fine Arts (MFAH), Houston, EUA (2022)
- *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil, 2021
- 11ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2018)

coleções selecionadas

- Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Recife, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Schoepflin Stiftung, Lörrach, Alemanha

de volta ao trabalho do artista ↑

alberto pitta
n. 1961, Salvador, Brasil
vive e trabalha em Salvador, Brasil

O artista Alberto Pitta tem como elemento central de seu trabalho a estamparia têxtil e a serigrafia, embora também venha se dedicando à pintura e a obras escultóricas nos últimos anos. Com uma carreira de mais de quatro décadas, a produção de Pitta é muito ligada a festividades populares e em diálogo outras linguagens, como a indumentária, seu trabalho tem uma forte dimensão pública, tendo sido o autor de estamparias presentes em blocos afro do carnaval como o Olodum, Filhos de Gandhy e o seu próprio, o Cortejo Afro.

Sua produção de estamparias teve início na década de 1980. As mesmas apresentam signos, formas e traçados que evocam elementos tradicionais africanos e afro-diaspóricos, em especial os oriundos da mitologia lorubá, muito presente em Salvador e no recôncavo baiano. Nas palavras do curador Renato Menezes: “De fato, signos, formas e traços que evocam grafismos tradicionais africanos encontraram, sobre seus tecidos, um lugar privilegiado de educação das massas e de contação de histórias que só fazem sentido coletivamente. Se a escrita, na obra de Pitta, se organiza no conjunto de padrões e cores que reinterpretem a cosmovisão yorubá, a leitura, por outro lado, diz respeito à relação estabelecida no contato entre corpos em movimento, quando as ruas da cidade viram terreiro. Pelas dobras dos tecidos que cobrem os foliões percorre um alfabeto de letras e afetos, mobilizados pela música e pela dança: é no corpo do outro que se lê o texto que nos completa”.

exposições individuais selecionadas

- *Mariwó*, Paulo Darzé Galeria, Salvador, Brasil (2023)
- *Eternidade Soterrada*, Carmo & Johnson Projects, São Paulo, Brasil (2022)
- *Homens de Ferro*, Galeria Solar do Ferrão, Salvador, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- *Joie Collective – Apprendre a flamboyer*, Palais de Tokyo, Paris, França (2025)
- *Artistas do Vestir: Uma Costura dos Afetos*, Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2024)
- *24ª Bienal de Sidney*, Sidney, Austrália (2024)
- *O Quilombismo*, Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Alemanha (2023)
- *Encruzilhada*, Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil (2022)
- *Um Defeito de Cor*, Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil (2022)

coleções selecionadas

- Perez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA
- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil
- Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil

daniel buren

n. 1938, Boulogne-Billancourt, França
vive e trabalha *in Situ*

Daniel Buren é figura central na arte conceitual desde a década de 1960, quando atuou como membro fundador da associação Buren, Mosset, Parmentier, Toroni (BMPT). Amplamente conhecido pelo uso de grandes listras simétricas de cores contrastantes dispostas sobre superfícies ou espaços arquitetônicos. Naquela época, Buren começou a produzir intervenções em lugares públicos sem autorização prévia. Ele começou a distribuir centenas de pôsteres listrados por Paris e, mais tarde, em mais de 100 estações de metrô, o que rapidamente chamou a atenção do público. Não demorou muito para voltar seu interesse para a influência da arquitetura (em especial a de museus) na arte. O artista passou a produzir trabalhos mais tridimensionais e a conceber proposições a partir da modulação do espaço que habitam.

Buren desafia as noções convencionais dos lugares onde a arte pode ser vista e como ela pode ser compreendida. Sua prática instaura um ambiente não só discursivo, mas físico, dentro e ao redor do qual o público pode se movimentar. Por isso, ele se tornou responsável por introduzir a noção de *in situ* nas artes visuais, conceito que caracteriza a prática que conecta o trabalho às especificidades físicas e culturais dos locais onde ele é apresentado. A partir da década de 1990, o artista passa a, literalmente, instalar cores no espaço, utilizando filtros e lâminas de vidro ou acrílico. Desse modo, o trabalho parece invadir nosso espaço – sensação que Buren intensifica pelo uso de espelhos –, convidando o espectador a envolver-se com ele com todo seu corpo.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Daniel Buren*, Daegu Art Museum, Daegu, Coréia do Sul (2022)
- *Daniel Buren. De cualquier manera, trabajos ‘in situ’*, Museo de Arte Italiano, Lima, Peru (2019)
- *Daniel Buren. Une Fresque / Een Fresco / a Fresco*, BOZAR/Palais des Beaux-Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
- *Daniel Buren. Comme un jeu d’enfant, travaux in situ*, Musée d’Art moderne et contemporain, Strasbourg, França (2015)
- *Allegro Vivace*, Staatliche Kunsthalle Baden-Baden, Baden-Baden, Alemanha (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *Daniel Buren & Michelangelo Pistoletto*, Palais d’Iéna, Paris, França (2023)
- *En Plein Air, High Line Art*, Nova York, EUA (2019)
- *La Collection (1), Highlights for a Future*, Stedelijk Museum voor Actuele Kunst (SMAK), Gent, Bélgica (2019)
- *Suspension – A History of Abstract Hanging Sculpture 1918–2018*, Palais

d’Iéna, Paris, França (2018)

- *Pedra no céu – Arte e Arquitetura de Paulo Mendes da Rocha*, Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MUBE), São Paulo, Brasil (2017)
- Documenta 5 (1972), 6 (1977) e 7 (1982), Kassel, Alemanha

coleções selecionadas

- Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Donnaregina Contemporary Art Museum - Madre Museum, Nápoles, Itália
- Minneapolis Institute of Art, Minneapolis, EUA
- Museum Moderner Kunst Stiftung Ludwig Wien, Viena, Áustria
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- National Gallery of Modern Art, Roma, Itália
- National Museum of Modern Art, Tokyo, Japão
- Neues Museum Nuremberg, Nuremberg, Alemanha
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

de volta ao trabalho do artista ↑

paulo bruscky
n. 1949, Recife, Brasil

Paulo Bruscky é um dos expoentes da arte conceitual no Brasil e um dos principais precursores de diversas manifestações que envolvem arte, tecnologia e comunicação. Sua prática artística, baseada na ideia de arte como informação, é marcada pelo experimentalismo constante, resultando em um corpo de obras plural, composto por poesias visuais, livros de artista, performances, intervenções urbanas, filmes em Super-8 e trabalhos em novas mídias. A produção de Bruscky é também caracterizada pelo conteúdo de contestação social e política, resultado da sua postura crítica e militante, em parte concebida em contestação à ascensão de governos militares e o consequente estabelecimento de severos regimes ditatoriais em diversos países latino-americanos, incluindo o Brasil, durante um período que coincidiu com o início de sua trajetória.

Bruscky iniciou sua pesquisa no campo da arte conceitual nos anos 1960, participando, no final da década, do movimento poema/processo, por meio do qual estabeleceu contato com Robert Rehfeldt, membro do grupo Fluxus. Introduzido por Rehfeldt ao circuito internacional da Arte Postal, Bruscky ingressou no movimento em 1973, tornando-se um dos principais pioneiros dessa manifestação artística no Brasil. A partir de então, desenvolveu intenso diálogo com diversos artistas, principalmente os membros dos grupos Fluxus e Gutai, além de vários nomes da América Latina e do Leste Europeu – regiões com as quais o artista procurou privilegiar o contato, devido ao intenso processo de repressão política que os caracterizava na época. Grande parte de sua produção questiona as próprias funções da arte e as operações de seu sistema.

clique para ver cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Banco de Ideias*. Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Paulo Bruscky. Eteceterate*, Fundación Luis Seoane, A Coruña, Espanha (2018)
- *Xeroperformance*, Americas Society / Council of the Americas (AS/COA), Nova York, EUA (2017)
- *Paulo Bruscky: Artist Books and Films, 1970–2013*, The Mistake Room, Los Angeles; Another Space, Nova York, EUA (2015)
- *Paulo Bruscky*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2014)
- *Paulo Bruscky: Art is our Last Hope*, Bronx Museum, Nova York, EUA (2013)
- *Ars brevis*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *Histórias brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Ismo, Ismo, Ismo. Cine experimental en América Latina*, Museo Nacional Centro de

- Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2019)
- *AI-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *L’oeil écoute*, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2018)
- *Memorias del subdesarrollo: el arte y el giro descolonial en América Latina, 1960–1985*, Museo de Arte de Lima (MALI), Lima, Peru; Museo Jumex, Cidade do México, México (2018)
- 57ª Bienal de Veneza, Veneza, Itália (2017)
- *Histórias da sexualidade*, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

de volta ao trabalho do artista ↑

nara roesler

são paulo

av europa, 655

jardim europa, 01449-001

são paulo, sp, brasil

t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241

ippanema, 22421-030

rio de janeiro, rj, brasil

t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street

new york, 10011 ny

usa

t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art